

ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ■ AGOSTO DE 1990



A LIAHONA

AGOSTO DE 1990



DESTAQUES

3
MENSAGEM DA
PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
O PRECIOSO DOM DA VISÃO
PRESIDENTE
THOMAS S. MONSON

8
**O QUE TENDES
DE FAZER É SÓ PEDIR**
NESTOR CORONEL

10
LONGE DA CAVERNA DO TIGRE
CONG TON NU
TUONG-VY

17
**QUANDO O ADOLESCENTE USA
DROGAS OU BEBIDAS
ALCOÓLICAS**
SUE BERGIN

33
"ENCONTREI UM PROFETA!"
ANN NICODEMUS
CHRISTENSEN

40
A IGREJA É PARA TODOS
PRESIDENTE HOWARD
W. HUNTER

46
**ORAÇÃO POR UMA PLANTAÇÃO
DE BATATA**
EDWARD C. JOHN

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

25
POR FAVOR, NÃO CEDA!

28
PERGUNTAS E
RESPOSTAS
CONFESSAR AO BISPO

34
RYAN MOODY
PETREA E BRIAN
KELLY

DEPARTAMENTOS

1
COMENTÁRIOS

15
MENSAGEM DAS
PROFESSORAS
VISITANTES
**LEMBRAI-VOS DELE POR MEIO
DE UMA IRMANDADE EM AMOR**

NA CAPA:
FOTO DA CAPA
E O ARTIGO "RYAN MOODY"
DE BRIAN K. KELLY.

SEÇÃO INFANTIL

2
A BÊNÇÃO DE SYDELL
LEORA WILLIAMS
ZABRISKIE

5
SÓ PARA DIVERTIR

6
TEMPO DE
COMPARTILHAR
UM DIA COM O BISPO
LAUREL ROHLFING

8
AMIGOS CRIATIVOS

10
SÓ EU, MEU PAI E AS ESTRELAS
RAY GOLDRUP

12
GIGANTES DAS
ESCRITURAS
A ORAÇÃO DE ANA
SHERRIE JOHNSON

14
HISTÓRIAS DO LIVRO
DE MÓRMON
CRUZANDO O MAR

16
NOSSOS BISPOS NA IGREJA
PRESIDENTE GORDON
B. HINCKLEY

REATIVADO

Fui batizado aos dez anos de idade, mas fiquei inativo já nos meus primeiros anos de adolescência. Eu tinha muitos problemas para os quais achava não haver solução. Como minha mãe era encarregada da revista da Igreja, sempre tínhamos muitos exemplares da *Liahona* (espanhol) em casa, e eu nunca deixei de lê-la.

Artigos como "Fé Absoluta", do Presidente Spencer W. Kimball, e "O Círio do Senhor", do Élder Boyd K. Packer, me ajudaram a decidir voltar para a Igreja e mudar de vida, tornando-a mais cristã.

A *Liahona* abençoou minha vida noutras ocasiões também. Tenho um amigo que tentou suicidar-se e ficou confinado ao leito. Levei-lhe um exemplar da revista, contendo um artigo sobre o suicídio, e falamos sobre a Igreja. Ele foi batizado logo depois.

Atualmente estou cumprindo missão em minha terra natal,

México, e meu amigo está se preparando para ser um missionário. Nada disto teria acontecido, se eu não tivesse continuado a ler a *Liahona* enquanto era inativo na Igreja. Sou grato ao Pai Celestial pelas publicações da Igreja.

Juan Luis Cano Rico
Xalapa, Veracruz, México
Missionário Porto-Riquenho

UM PRIVILÉGIO

O nome da revista da Igreja em espanhol, a *Liahona*, nos lembra a *liahona* recebida pelos nefitas (1 Néfi 16:10) para guiá-los através do deserto, e a revista é realmente um guia para nós.

Em suas páginas encontramos as mais recentes instruções e admoestações, vindas do profeta do Senhor, o Presidente Ezra Taft Benson. Aplicando tais mensagens, podemos aprender a viver retamente.

A mensagem do Presidente Benson, no exemplar de junho de

1989, intitulada "Pensar em Cristo", tocou-me profundamente. Nela ele declara que somos responsáveis por nossos pensamentos, já que, no final de nossa vida mortal, tudo o que tivermos feito será uma junção do que pensamos. Por isso, devemos ser cuidadosos com o que fazemos, e mais ainda com o que pensamos.

Raul Fuentealba
Santiago, Chile

DOMÍNIO INJUSTO

O recente artigo "Domínio Injusto no Casamento" (maio de 1990), era necessário e veio a tempo. No entanto, uma área não foi debatida — as caçadas feitas por brincadeira.

Essas caçadas não são reconhecidas como abuso. São só "de brincadeira", mas, para serem eficientes, têm de causar pelo menos um pouquinho de embaraço, desconforto ou tristeza. Se nenhum desses elementos estiver

presente, a brincadeira não foi bem sucedida. E, qual é o propósito dessas caçadas? A pessoa que as faz geralmente não se conscientiza disso, mas está dando vazão às suas próprias frustrações ou rancor, utilizando-se para tal de alguém a quem a sociedade não permite retaliar.

Seria proveitoso avaliar nossas ações e lembrar que algumas coisas nunca deveriam ser objeto de brincadeira: tudo o que for pessoal — nome, idade, grupo étnico, religião, aparência pessoal, local de moradia, ocupação; qualquer empreendimento no qual a pessoa não esteja se saindo bem; qualquer incapacidade física ou mental, ou deformidade; todo e qualquer problema familiar; ou tudo que requeira uma decisão difícil de tomar.

Há ocasiões em que uma brincadeira gentil e impessoal seja adequada. O humor é necessário, mas sempre que magoar alguém, ele deixa de ser engraçado.

Nome mantido em sigilo

Agosto de 1990, Vol. 43, n.º 8
PBMA9008PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, William R. Bradford, Francis M. Gibbons, Jeffrey R. Holland
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente: Ann Laemmlen
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte:
Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Sydney N. McDonald, Reginald J. Christensen, Timothy Sheppard, Jane Ann Kemp
Controlador:
Diana W. Van Staveren
Gerente de Circulação:
Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da *DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS*, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 600,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquilões Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exte-

rior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 50,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A *Liahona*, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonês, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não

obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.



O Precioso Dom da Visão

PRESIDENTE THOMAS S. MONSON
SEGUNDO CONSELHEIRO NA
PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Ao andar com os homens e ensiná-los, Jesus usava uma linguagem de fácil entendimento. Quer estivesse percorrendo a empoeirada estrada que levava da Peréia para Jerusalém, quer estivesse falando à multidão nas praias do Mar da Galiléia, ou ainda descansando ao lado do poço de Jacó, na Samaria, ele sempre ensinava por meio de parábolas. Jesus falava frequentemente sobre a importância de termos um coração receptivo e sensível, ouvidos capazes de ouvir, e olhos que verdadeiramente vissem.

Assim como no tempo de Cristo, existem hoje aqueles que não são abençoados com o dom da visão, literalmente falando. Certo cego, no esforço de ganhar o seu sustento, sentava-se dia após dia no seu lugar costumeiro, na extremidade de uma calçada muito movimentada de uma grande cidade. Com uma das mãos ele segurava um velho chapéu de feltro cheio de lápis, e com a outra estendia uma caneca de lata para os passantes. Seu apelo era breve

**EM TODA PARTE EXISTEM
PESSOAS QUE SERIAM
MELHORES COM A AJUDA DE
MÃOS PRESTATIVAS. PODEM
SER NOSSOS VIZINHOS,
AMIGOS, COLEGAS DE
TRABALHO. SÃO TODOS
NOSSOS IRMÃOS.**

e simples, e deixava transparecer um tom de urgência e desespero. A mensagem escrita no cartaz pendurado em volta do seu pescoço com um barbante, dizia: "Sou cego."

Poucos paravam para comprar seus lápis ou colocar uma moeda na caneca. Estavam todos preocupados demais com seus próprios problemas. A caneca nunca ficou cheia, nem mesmo até a metade. Então, num belo dia de primavera, um homem parou e adicionou algumas palavras ao acanhado cartaz. "Sou cego" não era mais a mensagem que se lia. Agora estava escrito: "É primavera, e eu sou cego." A compaixão dos transeuntes já não podia ser contida. A caneca logo ficou cheia e até transbordou. As moedas, entretanto, eram um pobre substituto para o desejo de todos, de restaurar a visão ao pobre homem.

Lembro-me de um artigo que li num matutino da Sicília, que dizia: "Cinco jovens irmãos, cegos de nascença, tiveram a sua primeira visão do mundo na terça-feira, e gritaram de alegria." Os irmãos Rotolo passaram por uma cirurgia para a remoção de cataratas, problema que tinham desde o nascimento. Quando, num quarto escuro, o cirurgião, Luigi Picardo, removeu as ataduras, deve ter orado, na esperança de ter sido bem sucedido em seu trabalho.

O primeiro a falar foi Calógero, um menino de quatro anos e o mais novo de todos. "A gravata", disse ele, segurando a gravata do cirurgião. "Posso ver, posso ver!" A remoção das ataduras dos olhos dos outros irmãos foi acompanhada de exclamações de felicidade. O pai dos meninos mal conseguia acreditar quando, ao segurar com ambas as mãos o rosto de Carmelo, o filho de treze anos, perguntou carinhosamente: "Você pode ver, meu filho? Pode mesmo?"

A mãe dos meninos, os médicos e todos os presentes choraram de alegria. O Dr. Picardo recolocou as ataduras e saiu mansamente do quarto; depois sentou-se num banco e chorou. "Nunca", disse ele, "senti uma serenidade tão grande, tamanha felicidade!" E assim, um cirur-

gião habilidoso devolveu, literalmente, o dom da visão a cinco meninos cegos.

Todos nós conhecemos pessoas que não enxergam. Também conhecemos muitos outros que andam na escuridão em pleno dia. Estes últimos talvez nunca tenham de carregar a bengala branca usada pelos cegos, nem tenham de procurar cuidadosamente o seu caminho através do som familiar que ela produz, fazendo toc, toc, toc. Talvez não tenham a seu lado um cão fiel que os guie, nem levem em volta do pescoço um cartaz explicando que são cegos. Mas que são cegos, não há dúvida. Alguns foram cegados pela raiva, outros pela indiferença, vingança, ódio, preconceito, ignorância, ou por ter perdido oportunidades de crescimento.

De tais disse o Senhor: "Ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure." (Mateus 13:15.)

Essas pessoas bem poderiam dizer em alta voz: "É primavera, o Evangelho de Jesus Cristo foi restaurado, mas estou cego." Alguns, como o amigo de Filipe, no Novo Testamento, exclamam: "Como poderei entender, se alguém me não ensinar?" (Atos 8:31.) Outros são muito acanhados e temerosos para pedir ajuda de que necessitam para poderem restaurar sua preciosa visão espiritual.

O caso dos irmãos Rotolo foi notícia nos jornais internacionais. Em literalmente milhares de outros casos, a transição da densa escuridão, causada pelo desespero, para a gloriosa luz espiritual, é conseguida sem publicidade, sem o reconhecimento do mundo.

Eu gostaria de compartilhar convosco dois comentários típicos de pessoas anteriormente cegas, que hoje andam na luz da verdade, graças a mestres familiares fiéis e líderes interessados.

Ouvimos de uma família: "Antes de ficarmos ativos em nossa recém-descoberta Igreja, pensávamos estar le-

vando uma vida normal. Tínhamos problemas, horas boas e horas ruins. No entanto, algo faltava em nosso lar, e era a união que somente o sacerdócio pode proporcionar. Hoje temos essa bênção e o amor mútuo é muito maior do que jamais sonhávamos possuir. Somos verdadeiramente felizes.”

E de outra: “Todas as noites agradecemos ao Pai Celestial por nosso bispado e nossos mestres familiares, que nos ajudaram a alcançar bênçãos que nos pareciam tão distantes, e impossíveis de serem obtidas. Temos atualmente uma paz indescritível.”

Aqueles que sentiram a influência do Salvador não conseguem explicar a mudança experimentada. Adquire-se o desejo de viver melhor, de servir fielmente, de andar em mansidão, e de seguir o exemplo do Mestre. Tendo recebido uma visão espiritual e vislumbrado as promessas da eternidade, eles fazem eco às palavras do cego a quem Jesus restaurou a visão: “Uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo” (João 9:25).

Como podemos explicar tais milagres? Por que a súbita reatividade? Um poeta, falando sobre a morte, escreveu: “Deus o tocou, e ele adormeceu.” E digo, concernente a este novo nascimento: “Deus os tocou, e eles acordaram.”

Duas razões básicas são responsáveis por estas mudanças de atitudes, hábitos e ações.

Primeiro, foram mostradas aos irmãos suas possibilidades eternas e eles tomaram a decisão de alcançá-las. As pessoas não podem ficar realmente contentes com a mediocridade, quando sabem que a excelência está ao seu alcance.

Segundo, outros homens, mulheres e jovens seguiram a admoestação do Salvador e passaram a amar o próximo como a si mesmos, ajudando-o a alcançar suas metas justas.

A origem ou causa desta mudança tem sido e continua a ser o princípio do amor, descrito como o mais nobre atributo da alma humana.

Freqüentemente o amor de uma criança pode incenti-

var alguém a agir, causando uma mudança em sua própria vida. Certa vez, numa loja, na época de Natal, um menininho andava de mãos dadas com os pais, em direção à seção de brinquedos, para ver Papai Noel. Em sua conversa com o bom velhinho, foi-lhe perguntado: “O que você deseja de presente de Natal?” O bom velhinho não sabia o que responder, quando a criança disse: “O que eu queria mesmo era que meu pai amasse minha mãe como antes.” Será que um pai ou uma mãe poderia ouvir isso sem se sentir afetado?

Outras vezes é o amor de uma esposa paciente, compreensiva e rápida em perdoar que desperta no homem o desejo de viver melhor, de ser o marido e pai que sabe que pode e deve ser.

Recordo o privilégio que tive de realizar um selamento no templo, para uma família que conhecia havia anos. Foi uma cena tranqüila. Os cuidados do mundo exterior tinham sido temporariamente deixados de lado. O silêncio e a paz da casa do Senhor penetravam no coração dos presentes. Eu sabia que este casal em particular tinha estado casado durante dezoito anos, sem jamais ter entrado no templo. Perguntei ao marido: “Jack, quem é o responsável pela realização deste glorioso evento?”

Ele sorriu e apontou silenciosamente para sua preciosa esposa, que estava ao seu lado. Pareceu-me então que aquela encantadora mulher nunca estivera tão orgulhosa do marido como naquele momento. Jack então dirigiu minha atenção para um dos irmãos que serviam de testemunha da cerimônia e, da mesma forma, reconheceu a grande influência que ele exercera sobre sua vida.

Quando os três belos filhos foram selados aos pais, não pude deixar de notar as lágrimas que corriam dos olhos da filha adolescente e rolavam por sua face, caindo sobre as mãos que se uniam sobre o altar. Eram lágrimas sagradas, de alegria suprema, que expressavam a gratidão silenciosa e eloqüente de um coração sensível, por demais repleto de felicidade para poder falar.

Não pude deixar de pensar: Que bom seria se tais



**HOMENS, MULHERES E JOVENS
SEGUIRAM A ADMOESTAÇÃO DO
SALVADOR E PASSARAM A AMAR AO
PRÓXIMO COMO A SI MESMOS,
AJUDANDO-O A ALCANÇAR SUAS
METAS JUSTAS.**

homens e mulheres não esperassem dezoito longos anos para receber tão valiosa bênção!

Existem, porém, aqueles que acham que sua própria negligência, seus maus hábitos, o abandono de uma vida justa, fizeram com que Deus os abandonasse; acham que ele já não ouve suas preces, não toma conhecimento de suas dificuldades, nem se compadece deles. Tais sentimentos, porém, não são compatíveis com a palavra do Senhor. Ele disse:

”Um certo homem tinha dois filhos;

E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.

E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente.

E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.

E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos.

E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.

E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!

Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti;

Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros.

E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.

E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.

Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;

E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos;

Porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado.” (Lucas 15:11-24.)

Não existem palavras mais confortadoras que as pronunciadas pelo Senhor, para aquele que está muito fraco para mudar o curso de sua vida, ou aquele que fracassa em sua resolução de progredir, por causa do maior de todos os temores, o temor do fracasso: “Minha graça é suficiente para todos os que se humilham perante mim; pois, se se humilharem e tiverem fé em mim, então farei com que as coisas fracas se tornem fortes entre eles” (Éter 12:27).

Em toda parte existem pessoas que seriam melhores com a ajuda de mãos prestativas. Podem ser nossos vizinhos, amigos, colegas de trabalho. São todos nossos irmãos.

É minha oração constante que as pessoas de todo o mundo sejam sensíveis ao toque gentil da mão do Mestre e a seu bondoso convite. Oro que possamos servir fielmente ao Senhor e Salvador que espontaneamente morreu para que possamos viver para sempre, que tenhamos olhos que realmente vêem, ouvidos que realmente ouvem e corações sensíveis, capazes de sentir. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES
.....

1. O Presidente Monson diz que há duas razões básicas para a mudança de atitude: a) Quando as pessoas se conscientizam de suas possibilidades eternas e tomam a decisão de alcançá-las; b) quando seguimos a admoestação do Salvador, de amar ao próximo, ajudando-o a alcançar metas justas.

2. O princípio do amor, descrito como o mais nobre atributo da alma humana, é aquilo que dá origem à mudança de coração.

3. Relatai vossos sentimentos sobre o poder do evangelho para ajudar-nos a ver a vida claramente. Perguntai aos membros da família visitada se gostariam de partilhar seus sentimentos.

O que tendes de fazer é só pedir

NESTOR CORONEL

O Senhor nos disse no Livro de Mórmon que “se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo”, ele responderá às nossas orações. As orações também podem ser respondidas, se aplicarmos os mesmos princípios em relação ao próximo, procurando sempre seguir os sussurros do Espírito Santo ao fazê-lo.

Há uns seis anos, quando assistíamos a uma reunião semanal da ala, recebemos a notícia de que uma das irmãs fora atropelada por um carro. Embora tivesse sido levada de imediato para um hospital, faleceu pouco depois.

O bispo pediu-me que fosse com um de seus conselheiros visitar a família da falecida, com o intuito de oferecer-lhes consolo e ajuda nos preparativos para o funeral. Dirigimo-nos aos únicos parentes dela: uma irmã casada, Maria Gerez, e sua família, todos não-membros da Igreja.

A família nos deu as boas-vindas e aceitou nossa ajuda. Tivemos a oportunidade de explicar-lhes o plano de salvação, bem como de fazer os arranjos para os serviços funerários. Duas semanas mais tarde a família toda foi à Igreja e agradeceu a ajuda prestada pelos membros, bem como o apoio recebido.

A família foi apresentada aos missionários e, em pouco tempo, a mãe, Maria, e uma das filhas, Karina, foram batizadas. Elas continuaram ativas com o passar dos anos. O pai, Ramon, aparecia depois das reuniões dominicais para pegar a família, e sempre participava das atividades recreacionais.

Numa tarde de domingo, minha esposa e eu falávamos sobre a obra missionária, e concordamos que Ramon Gerez era, de certo modo, um membro da Igreja; só que ainda não fora batizado.

Decidimos planejar um encontro das famílias numa noite da semana. Assim fizemos, não esquecendo de convidar também os missionários. Como não nos conhecíamos bem, a visita começou com uma conversação casual. Logo depois, porém, algo dentro de mim me disse:

“Pergunte-lhe AGORA, AGORA!”

Compreendi ser aquela a chave do processo. O que eu devia fazer era só perguntar-lhe. Portanto, olhei o irmão Gerez diretamente nos olhos, e disse: “Como você pode imaginar, estamos aqui por uma razão muito especial. Minha mulher e eu temos notado que você e sua família mantêm um bom relacionamento, e é por isso que gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas.”

“Você acredita em Deus e em seu Filho Jesus Cristo?”

“Sim”, respondeu ele.

“Você ama sua mulher e suas filhas?”

“Sim”, replicou, demonstrando interesse.

“Você ama sua família o suficiente para desejar estar com ela após a morte e durante a eternidade?”

“Sim”, respondeu ele.

Disse-lhe então: “Você é um bom homem. Ama sua família e não existe motivo para que adie as bênçãos do sacerdócio e do templo por mais tempo.” Em seguida minha mulher prestou testemunho e planejamos com Ramon o recebimento das palestras missionárias.

Ramon Gerez foi batizado um mês depois, e vem servindo nos chamados em sua ala e estaca, na Argentina.

Aprendi algo com esta experiência: O que temos de fazer é só pedir. Se formos dignos das bênçãos advindas de pedir com um “coração sincero e com real intento” o Senhor responderá às nossas orações, tocando os outros com seu Espírito. Se a pergunta for feita com o Espírito, a resposta virá da mesma maneira, principalmente se tivermos a coragem de perguntar. □

Nestor Coronel é membro da Ala McKay, da Estaca Wells, Cidade do Lago Salgado, Utah.

“AMA SUA FAMÍLIA O SUFICIENTE PARA DESEJAR ESTAR COM ELA APÓS A MORTE E DURANTE A ETERNIDADE?”

“SIM”, RESPONDEU ELE.



Longe da Caverna do Tigre

CONG TON NU TUONG-VY

**UMA IRMÃ, VIETNAMITA, PASSOU ANOS ESCONDIDA NUMA CAVERNA ABANDONADA,
SONHANDO COM O TEMPLO QUE ESTAVA DO OUTRO LADO DO MAR.**

Passaram-se quatorze anos desde o dia em que foram dispersos os ramos santos dos últimos dias no Vietnã, e eu comecei a longa luta para deixar minha amada terra natal.

Nasci no dia 27 de dezembro de 1923 em Hue, a antiga capital e cidade real do Vietnã. Meus familiares viviam em um grande palácio, pois sou descendente de família real vietnamita. Meus ancestrais governaram o Vietnã quase 300 anos.

Meu sobrenome, Cong Ton Nu, é, na realidade, um título que significa condessa. Meu nome, Tuong-Vy, significa rosa. Meu pai, Young-de, foi primeiro-ministro do último rei, Bao Dai, que governou até 1945. Huong-de também é um título. Se meu nome for mostrado a um vietnamita, ele saberá de imediato que somos descendentes de família real.

Aos vinte anos de idade me formei no Liceu Viet-anh, em Hue. Poucos meses mais tarde me casei com Le-Van Luong, um dos meus professores de escola. Tivemos juntos uma vida agradável, sem sermos muito afetados pelas guerras. Eu ficava em casa e tomava conta de nossas quatro filhas e dois filhos, enquanto meu marido dava aulas. Tínhamos bastante dinheiro e empregados para nos ajudar. Mudamo-nos para Saigon em 1950.

Infelizmente, meu marido e eu nos divorcamos em 1965. Depois disso, tive de trabalhar; tornei-me professora de curso secundário. Eventualmente comecei a gerenciar um centro de informações e agência de viagens, do qual me tornei proprietária.

Em 1967, Robert Lewis, um membro da Igreja, apareceu em meu escritório. Ele desejava que um folheto, *O Testemunho de Joseph Smith*, fosse traduzido para o vietnamita. Levei o folheto para um tradutor e, depois de traduzido, entreguei-o ao irmão Lewis. Ele o levou à Igreja para que os membros vietnamitas o lessem, e eles não gostaram da tradução; nada significava para eles. O irmão Lewis trouxe-o de volta e, quando o tradutor disse ter feito tudo o que podia, decidi tentar eu mesma. Preocupei-me, pois o meu conhecimento de inglês não era muito bom e eu não sabia como ia fazer. Levei o folheto para casa e passei a noite toda lendo-o. À medida que o fazia, algo estranho acontecia comigo. Era como se alguém invisível me ajudasse a entender. O primeiro trabalho fora feito palavra por palavra; eu, no entanto, quando finalmente compreendia parte do testemunho, deixava-o de lado e escrevia a tradução em minhas próprias palavras. Traduzi de acordo com as idéias e sentimentos que me vinham à mente. Na época isso não me



JERRY GARNIS

AGOSTO DE 1990

QUATRO ANOS COMO EREMITA SE PASSARAM. EU MEDITEI E OREI. ESCREVI CANÇÕES, POEMAS E LIVROS E CUIDEI DA HORTA, MAS NUNCA ESQUECI MEU SONHO.

ocorreu, mas hoje sei que estava traduzindo pelo Espírito.

Entreguei a tradução ao irmão Lewis e disse-lhe que lhe devolveria o dinheiro que me havia pago, caso não gostasse. Os membros o leram e disseram que compreenderam. “Penetra em nossos corações e nos emociona”, disseram eles.

O irmão Lewis disse-me que traria mais material e, assim, traduzi mais quatro ou cinco folhetos, que foram aceitos.

À medida que eu trabalhava nos folhetos, desenvolvia amor à Igreja e às doutrinas e ensinamentos do evangelho. Pedi ao irmão Lewis que enviasse missionários para me ensinar, e ele enviou dois militares americanos. Eles me ensinaram durante três meses, depois do que fui batizada. Meu filho mais velho, Le Phuc-Hung, também foi batizado poucos meses mais tarde.

No início da década de 1970 recebi o chamado de traduzir o Livro de Mórmon. Fiquei imaginando como poderia fazê-lo, pois continuava a gerenciar a agência de viagens; meu escritório era barulhento, pois ficava numa das ruas de maior movimento de Saigon, e eu supervisionava um grande número de funcionários. Eu tinha uma casa grande, mas meus seis filhos e suas famílias moravam comigo, portanto, não podia traduzir em meu escritório nem em minha casa. Eu servia como presidente da Sociedade de Socorro em meu ramo. Precisava de um lugar retirado, onde pudesse pensar e estudar. Orei ao Pai Celestial: “Como poderei encontrar o tempo e o lugar para traduzir este livro e, ainda assim, continuar ganhando meu sustento?”

Logo depois, numa certa manhã, meu filho Le Viet Hung, que acabara de entrar para o serviço militar, me procurou. Para minha surpresa, deu-me de presente 400.000 piastras que ganhara num concurso do governo. Ao receber o dinheiro, reuni meus filhos e disse-lhes: “Vou dar-lhes minha casa e tudo o que possuo. Vou abandonar meu trabalho, usar parte do dinheiro que ganhei e comprar um pedaço de terra em um lugar retirado.”

Meus filhos concordaram— a propriedade valia mais ou menos seis milhões de piastras— e eu encontrei um lugar calmo com uma área de um acre, distando quinze



quilômetros de Saigon. Lá construí uma casinha e plantei uma horta.

Em meu novo lar orei: “Como posso traduzir? Meu conhecimento de inglês não é suficiente.” Retirei-me do mundo e estudei extensivamente. Li muitos livros sobre a vida do Salvador e, como conhecia melhor o idioma francês do que o inglês, estudei o Livro de Mórmon em francês. Li o Livro de Mórmon em inglês muitas vezes. Quando encontrava seções que me eram difíceis de traduzir, frequentemente sonhava a respeito e no sonho via em que livro de minha biblioteca podia encontrar ajuda. Eu meditava enquanto traduzia, e esquecia de mim mesma. Era como se alguém estivesse me ajudando a escrever. Sei que o Pai Celestial me abençoou, para que a tradução fosse boa – muitas pessoas a estudaram e disseram que era boa. Trabalhei dois anos para terminá-la.

Depois do Livro de Mórmon, traduzi Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Depois, em 1975, comecei a traduzir outros livros, mas não pude terminá-los, porque os vietcongues ou vietnamitas do norte venceram os do sul.

Poucas semanas antes da chegada dos vietcongues, os missionários de tempo integral foram chamados de volta para casa, e levaram minha tradução do Livro de Mórmon, que foi impressa na Cidade do Lago Salgado e meu trabalho nos livros Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Estas duas últimas traduções serviram como fonte principal para a impressão das versões finais. Muitos anos se passariam antes que eu tivesse a oportuni-



dade de vê-los. Foi-me pedido que me mudasse para a capela, para tomar conta do edifício, mas uma semana mais tarde recebi um chamado da embaixada americana, dando-me instruções sobre quando e onde os membros vietnamitas poderiam abandonar o país. Foi-me dado o privilégio de ser a primeira a embarcar no avião que nos levaria à liberdade.

Senti-me humilde e agradecida, mas confusa. Muitos vietnamitas são agarrados à sua terra natal. A idéia de deixar o país onde nasci para sempre me machucava tanto que eu não conseguia pensar em ir embora. O Pai Celestial me havia dado grandes bênçãos naquela terra, de modo que senti que devia ser-lhe leal e decidi ficar.

Quando os vietcongues tomaram Saigon, aprisionaram todos os oficiais do governo e militares do Vietnã do Sul, incluindo o irmão The, presidente de nosso ramo, e todos os meus irmãos, um filho e um genro. No final do ano de 1975 eles confiscaram minha propriedade. Eles também queriam colocar-me na cadeia, por causa de meus contatos anteriores com americanos.

E foi assim que tentei escapar do Vietnã. Fugi para uma ilha chamada Phu-Quoc, que ficava perto do Camboja. Peguei todas as minhas escrituras, traduções e livros e enterrei-os na praia; depois comprei um barco, preparando-me para escapar, mas não fui bem sucedida. A polícia me prendeu durante três dias, mas, como eu não passava de uma mulher idosa, deixaram-me ir. Não pude voltar para pegar os livros e traduções, que lá permanecem ainda hoje.

Durante cinco anos fiquei vivendo perto da costa e usei todos os meus recursos e forças na tentativa de escapar. Eu usava um nome diferente cada vez que o fazia, pois meu sobrenome era fácil de ser reconhecido. Tentei disfarçar-me de muitas maneiras diferentes – mercador, freira, mascate.

Nunca esqueci uma dessas tentativas. Cerca de oitenta homens, mulheres e crianças escaparam em um pequeno barco. Em dois dias alcançamos águas internacionais, mas o motor do barco falhou e vagamos ao sabor das ondas por quinze dias. O alimento e água potável terminaram e permanecemos imóveis na proa da embarcação, esperando pela morte.

Finalmente ouvimos o barulho de um motor e acenamos, pedindo ajuda. Era um navio vindo da Europa. Depois de nos dar água e comida, rebocaram nosso barco de volta para o porto de Vung-Tau, onde os vietcongues nos esperavam. Choramos abertamente. Muitos homens, incapazes de aceitar seu destino, pularam ao mar e se afogaram. A polícia nos prendeu, mas felizmente passei só alguns meses na prisão.

Em minha última tentativa, em 1981, eu estava com umas vinte pessoas, esperando um barco na praia de Vung-Tau à noite. Os guardas da segurança nos viram e começaram a nos perseguir. Eu e mais duas mulheres começamos a subir destemidamente um monte. Depois de uma hora, chegamos a um local onde não havia ninguém e lá permanecemos até o amanhecer.

Quando raiou o sol vimos que estávamos numa caverna convertida num abrigo completo, com portas em condições relativamente boas. O chão era de concreto e alguns utensílios de cozinha e pedaços de móveis quebrados haviam sido deixados. Como estivéssemos com fome, saímos à procura de alimento. Surpresas, descobrimos que estávamos num grande pomar deserto, com árvores cheias de mangas, maçãs, e outras frutas. Era um lugar calmo e quieto, com um pequeno templo nas proximidades.

Ao entardecer, as duas mulheres se prepararam para ir embora, mas eu estava tão cansada dos temores dos anos anteriores e tão desesperada, que não quis mais sair dali e preferi ficar.

Na primeira noite que passei sozinha fiquei com medo

da situação em que me encontrava. Saí da caverna e me ajoelhei numa pedra, para orar. Em meio às lágrimas, pedi ao Pai Celestial que me desse coragem e força para suportar tal provação. Invadiu-me muita paz e calma, e eu soube então que podia permanecer naquele lugar.

Este é o meu testemunho relativo à oração. Sempre orei quando estava contrariada e ao lutar para sobrepujar os desafios que me eram impostos, e o Pai Celeste sempre ouviu minhas orações. Ele sempre ouviu seus filhos.

Começou minha vida como eremita. Raspando a cabeça, disfarcei-me de freira budista, velha e pobre. Eu ia ocasionalmente ao mercado que ficava ao pé da montanha para trocar frutas maduras por coisas de que necessitava. Soube que o lugar onde passei a morar era chamado de Caverna do Tigre, porque costumava refugiar-se nele um tigre, que os aldeões espantaram, transformando a caverna em abrigo.

Todos os dias, ao pôr-do-sol, eu me sentava numa pedra e ficava olhando o Oceano Pacífico, muitas vezes imaginando que do outro lado das águas estava o templo do Pai Celestial, perto do qual muitos de meus irmãos viviam, felizes. Eu não conseguia deixar de chorar, lembrando as horas maravilhosas que havia passado com meus irmãos santos dos últimos dias na capela de Saigon.

Quatro anos se passaram. Eu meditei e orei. Escrevi canções, poemas e livros e cuidei da horta. Ninguém sabia quem eu era. Dois de meus filhos continuavam no Vietnã e eu podia enviar-lhes cartas, mas não podia receber resposta, pois não tinham o endereço. Além do mais, eu não queria visitá-los, a eles e a ninguém, pois achava que poderia causar-lhes dano.

Certa manhã, tendo trabalhado arduamente na horta, senti-me estranhamente cansada e decidi ir até o hospital. Na recepção, coloquei meu cartão de identificação sobre a mesa; era o único documento que possuía com meu verdadeiro nome. Uma mulher que estava perto viu-o e perguntou: “A senhora é Cong Ton Nu Tuong-Vy?”

Afastei-me e repliquei: “Por que quer saber quem sou?” Ela fez sinal para que a seguisse até o lugar onde estava sua bolsa. Dela tirou uma carta, removeu uma folha e permitiu que eu lesse este parágrafo: “Querida irmã Thuy, a senhora deve tentar encontrar Cong Ton Nu Tuong-Vy. Achemos que ela está vivendo nas proximidades da praia de Vung-Tau. A Igreja de Jesus Cristo, na

Cidade do Lago Salgado deseja entrar em contato com ela. Assinado, Quoc-Phong.”

Quando vi o nome da Igreja, pus-me a chorar copiosamente. Através de minha recém-descoberta amiga pude entrar em contato com os outros membros de Saigon. Era 1985, dez anos depois que eu havia perdido contato com a Igreja.

O Natal daquele ano foi memorável. Fui de ônibus para Saigon, onde os membros se reuniram pela primeira vez em dez anos, no Vietnã. A reunião foi num parque, onde quase cem pessoas estavam presentes. Comemos bolo com sorvete. Mais tarde os irmãos portadores do sacerdócio partiram o pão e colocaram água em pequenos copos, para o sacramento. Abaixamos a cabeça e oramos silenciosamente. Nossa alegria era completa.

Daquele dia em diante nosso pequeno ramo despertou de um longo sono. Um élder presidente foi escolhido para nos dirigir. Às vezes nos comunicávamos com a Igreja e outros membros através da VASAA (Veterans Assisting Saints Abroad Association). Por fim me foi concedida permissão para deixar o Vietnã. A VASAA ajudou-me a obter o visto de saída dos governos do Canadá e do Vietnã. Meu filho mais velho, residente em Toronto, Ontário, foi meu fiador.

Menos de um ano mais tarde, em março e abril de 1988, pude visitar a Cidade do Lago Salgado por dez dias e assistir a uma conferência geral. Encontrei muitos amigos, missionários e Autoridades Gerais. Da primeira vez que contemplei a Praça do Templo não pude deixar de chorar de agradecimento por todas as bênçãos. Quando na Caverna do Tigre, meu maior desejo era ver o templo. Pude, finalmente, receber minha investidura na Casa do Senhor.

Embora eu more atualmente nos Estados Unidos, as lembranças de minhas experiências no Vietnã continuam comigo. Oro que nosso Senhor abençoe todos os meus irmãos que lá ficaram. Sei por experiência pessoal, que nada pode destruir o evangelho que o Pai Celestial nos deu. □

Cong Ton Nu Tuong-Vy pertence à Ala Nove de Long Beach, Estaca de Long Beach, na Califórnia. Ela trabalha como enfermeira particular.

LEMBRAI-VOS DELE POR MEIO DE UMA IRMANDADE EM AMOR

Objetivo: "Juntos habitareis em amor" (D&C 42:45).

Marie Holley, uma irmã solteira, lutou contra o câncer durante três anos antes de ficar tão fraca a ponto de não mais poder cuidar de si mesma. Depois disso uma amiga cuidou dela durante meses, mas ter que trabalhar o dia todo e cuidar de Marie durante a noite foi demais para ela, que também acabou adoecendo.

Foi então que a Sociedade de Socorro da ala entrou em ação. A organização nunca fora chamada para cuidar de uma pessoa desenganada pelos médicos, por isso a presidência orou, pedindo orientação. Por inspiração, algumas irmãs foram chamadas e treinadas para cuidar de Marie.

Durante quatorze meses as irmãs da Sociedade de Socorro ficaram com Marie vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Marie recebeu a ajuda necessária e as irmãs da Sociedade de Socorro foram abençoadas por esse trabalho. Outro benefício, porém, logo se tornou aparente — maior fraternidade entre as irmãs da ala. Geralmente as mulheres não sabiam quem era a pessoa que estavam substituindo ou quem haveria de tomar o seu lugar, mas os rostos desconhecidos logo se tornavam rostos de amigas queridas, graças à amizade desenvolvida enquanto conversavam.

Karen Anderson, membro da ala, diz o seguinte, ao lembrar esse tempo: "Pensei, muitas vezes, como

todas aquelas estranhas se tornaram amigas e o quanto havíamos aprendido com Marie — sobre amor, solicitude e abnegação. Aprendemos a ver o lado bom de cada pessoa, e a reconhecer as bênçãos advindas do trabalho em benefício do próximo." ("Lessons in Love", *Ensign*, abril de 1986, p. 62.)

Como Marie e as mulheres de sua ala, nós também podemos participar da irmandade do evangelho. A chave para o desenvolvimento dessa irmandade é aprender a seguir o Salvador através do amor mútuo. Ao explicar como todos os de seu povo podiam tornar-se filhos de Deus, Alma ordenou que tivessem 'seus corações entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros' (Mosiah 18:21). Ter o coração 'entrelaçado' significa ter nossa vida entretecida, de modo a criar um todo belo e unificado.

Naturalmente pode ser fácil ser amigável e prestativa para com alguém com quem temos muito em comum, mas procuramos fazer o

mesmo por aquelas que falam língua diferente ou têm estilo de vida diverso do nosso? O evangelho nos diz que todas as mulheres são nossas irmãs eternas. Nosso desafio é aceitar alguém diferente, não criticar as fraquezas alheias, perdoar a irmã que nos fez mal, amar alguém que não gosta de nós, ou arrepender-nos e mudar nosso modo de agir e nossas atitudes. Tais exigências nos purificam e aproximam do modo de vida verdadeiramente cristão.

O Senhor sabia que precisaríamos de ajuda para enfrentar as provações terrenas. Por isso nos deu o evangelho — e umas às outras. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Discuta de que maneira poderão contribuir para maior irmandade na ala.
2. Vocês ou a irmã que visitam poderão contar uma experiência na qual sentiram a influência que a irmandade pode exercer.





Quando o Adolescente Usa Drogas ou Bebidas Alcoólicas

SUE BERGIN

UMA DAS COISAS MAIS IMPORTANTES QUE O EVANGELHO PODE OFERECER AOS PAIS É UM TESTEMUNHO DE ESPERANÇA — ESPERANÇA NA VOLTA DE UM ENTE QUERIDO, ESPERANÇA NO PODER LIBERTADOR DA EXPIAÇÃO DE JESUS CRISTO.

Quando seus quatro filhos nasceram, Richard e Jennifer Fisher sentiram a responsabilidade intensa de criá-los em retidão e ajudá-los a voltar à presença de seus pais celestiais. Ver um desses filhos entregar-se ao vício das drogas e do álcool tem sido algo muito difícil de suportar. O sofrimento, dizem eles, é indescritível.

Diz a irmã Fisher: “Sentimo-nos dominados por um enorme sentimento de insucesso. Revejo cada dia, desde quando ele nasceu, e pergunto a mim mesma o que aconteceu. Em que erramos? O que fizemos de diferente com ele, que não fizemos com os outros filhos? E, naturalmente, não encontramos resposta.

Também senti que falhei não só para com minha família, mas para com a família da Igreja. De início julguei-me indigna de servir no meu chamado na Igreja e pedi desobrigação. Quando aparece algo no jornal sobre os problemas de meu filho com a lei, eu penso, como posso ser uma missionária eficiente?”

Estas palavras descrevem os períodos sombrios da luta enfrentada pela irmã Fisher, e que estão ocorrendo com menor frequência, agora que seu filho já se afastou quase completamente da cocaína e de outras drogas, embora continue a ingerir bebidas alcoólicas. A intensidade de sua dor também diminuiu, à medida que ela aprendeu a não se culpar, mas a ver seu filho como filho de Deus, com seu livre-arbítrio. Ele mesmo já lhe assegurou muitas vezes que as escolhas são suas e que ela foi, sem dúvida, uma mãe boa e amorosa.

O irmão e a irmã Fisher, como muitos pais santos dos últimos dias, estão

É SEMPRE DIFÍCIL E DOLOROSO VER UM FILHO SOFRER COM O VÍCIO DE DROGAS OU BEBIDAS ALCOÓLICAS. COMO PODEM VOCÊS, COMO PAIS, ENFRENTAR O PROBLEMA? O QUE OS OUTROS PODEM FAZER PARA AJUDAR?

enfrentando uma batalha dolorosa, e muitas vezes solitária, procurando ajudar um filho envolvido com o álcool e as drogas. Entrevistas com pais, jovens e profissionais, todos santos dos últimos dias, demonstram claramente que os Fisher não são os únicos. Entrevistas também mostram que as famílias santos dos últimos dias que enfrentam tal desafio não foram deixadas à deriva, dependendo apenas de seus próprios recursos; os princípios do evangelho são de grande valia, e a Igreja e suas comunidades estão à disposição, prontas para ajudar.

O PROBLEMA É REAL

O abuso de drogas pelos jovens afeta a todos, independentemente de sexo, raça, antecedentes sócio-econômicos e religião. Pode acontecer em qualquer lar. A Igreja, entretanto, parece ser um importante fator de proteção. Por exemplo, um estudo nacional nos Estados Unidos mostra que a média de uso de maconha pelos jovens santos dos últimos dias é significativamente menor do que a média nacional. Estes fatos não devem ser observados levemente já que o uso da maconha freqüentemente leva ao uso de drogas mais perigosas, como o crack, um tipo de cocaína barata que induz a um intenso excitamento emocional e pode levar com extrema rapidez ao vício e até à morte.

CONSERVE-SE INFORMADO

Embora as crianças de idade



**OS ADOLESCENTES QUE
CONSOMEM DROGAS
FREQUENTEMENTE DIZEM
QUE SEU PROBLEMA É
MUITO PEQUENO, E
CLAMAM QUE JÁ PARARAM
OU QUE O MATERIAL PARA
USO DE DROGAS
DESCOBERTO PELOS PAIS
PERTENCE A UM AMIGO.**

escolar em geral estejam a par dos efeitos da droga – e possivelmente de seus perigos – seus pais frequentemente permanecem alheios. Poucos pais sabem quais são as substâncias que estão à disposição dos filhos, como afetam o corpo, e com que facilidade podem ser obtidas. Pode ser que eles também não saibam quão grande é a aceitação das drogas, mesmo na sociedade, e, portanto, como pode ser forte a tentação de usá-las. E talvez ignorem os extremos a que podem chegar os jovens viciados, a fim de obter dinheiro para sustento do vício.

Temos informações abundantes à nossa disposição. Materiais educativos e conselhos sobre opções de tratamento podem ser geralmente encontrados em instituições comunitárias, tais como organizações estaduais de prevenção ao alcoolismo e drogas, ou departamentos de educação ou instrução pública. Muitas universidades também podem fornecer materiais instrutivos ou educacionais.

Chris Garrett, de dezoito anos, passou por uma dramática recuperação de uso de drogas; seu caso foi tão sério, que todos acham que teve sorte de não ter morrido. Quando menino ele começou tomando álcool; já no

início da adolescência principiou a fumar maconha, e em poucos anos consumia tudo que conseguia obter: maconha, cocaína, LSD (dietilamida do ácido lisérgico), ópio, crack, speed, e muitos tipos de drogas prescritas. Chegou mesmo a plantar maconha entre as plantas caseiras da mãe. Para financiar o vício ele roubava casas, surrupiava carteiras e tirava dinheiro de bolsas deixadas em carros estacionados durante os serviços religiosos. Há três anos iniciou um programa de tratamento que durou quatorze meses.

Chris não tinha a aparência que muitas pessoas acham que um viciado deve ter, o que talvez fosse, em parte, o motivo pelo qual seu vício escapou aos olhos de seus pais durante algum tempo. Ele estava sempre limpo, bem vestido e arrumado. “Hoje em dia o jovem não precisa ter a aparência de viciado nem se associar a más companhias para se meter em encrenca”, diz Carol White, líder comunitária na prevenção de drogas. “Conheço um rapaz que começou consumindo drogas no trabalho, com os amigos mais chegados, e os próprios pais. Muitos desses amigos eram líderes na escola que ele estudava.”

David e Shauna Bond, pais de um adolescente ex-viciado em drogas, no início, acreditavam que seriam capazes de ajudar o filho a parar, em parte porque estavam informados. O irmão Bond estava familiarizado com os sinais de uso de drogas e álcool e reconheceu-os em seu filho.

“Quando descobrimos que Mike estava consumindo drogas, arranjei

literatura antidrogas e disse-lhe que ele teria de lê-la; depois, juntos discutiríamos o assunto”, diz o irmão Bond. “Mike achava que sabia o que estava fazendo, mas não sabia. Educá-lo quanto aos perigos oferecidos pelas drogas e fazê-lo saber que seus pais estavam informados foi uma parte importante no processo de convencê-lo a parar.”

COMO CONSEGUIR AJUDA
.....

Quando os pais descobrem que um filho está usando drogas ou álcool, podem valer-se de muitos recursos, pois além da ajuda de profissionais e de programas de tratamento, eles podem pedir ajuda aos líderes do sacerdócio e da Sociedade de Socorro, que podem oferecer conselhos espirituais e admoestações práticas. Amigos íntimos, principalmente aqueles que talvez tenham passado por problemas semelhantes e que também seguem os padrões do evangelho, geralmente podem ser de grande ajuda.

As bênçãos do sacerdócio também podem ser uma fonte de conforto e inspiração. Os pais, tanto quanto os irmãos do viciado, podem valer-se deste poder. Os adolescentes com problemas de drogas podem, eles mesmos, desejar uma bênção, embora muitos deles se julguem alienados da autoridade religiosa, e os pais não devem forçá-los a aceitar uma bênção do sacerdócio.

Além disso, os líderes da Igreja podem pedir ajuda a pessoas tais como mestres familiares ou professoras visitantes, profissionais de confiança

(médicos, conselheiros ou assistentes sociais) e órgãos públicos (hospitais, escolas, casas de recuperação etc.). Havendo disponibilidade, órgãos governamentais e particulares, e grupos de apoio beneficentes, também podem ajudar.

Uma das primeiras coisas que os pais devem fazer quando confrontados com o problema de drogas ou álcool, é chegar a uma importante conclusão: Seu filho é viciado e precisa de um programa de tratamento, ou o problema pode ser solucionado sem ajuda profissional? Os pais talvez tenham de consultar diversas pessoas, a fim de receber ajuda para responder a esta pergunta. Se ficar evidente que o jovem é viciado, os peritos no assunto são unânimes em concordar que o tratamento profissional é vital. A mãe de um certo adolescente em recuperação é enfática ao dizer: “Nem por um minuto sequer, pensem que podem tratar do problema sozinhos”, diz ela. “Vocês não podem! Não podem mesmo!”

Glen Lambert, diretor-executivo de um centro de tratamento de viciados em drogas observou que os adolescentes que usam drogas, vindos de lares religiosos, freqüentemente enfrentam obstáculos únicos em sua recuperação. Sempre que alguém desafia valores profundamente enraizados, diz ele, é maior o potencial para resultados negativos. “Geralmente, quando os santos dos últimos dias ou pessoas com outros antecedentes religiosos fortes não honram seus valores, o problema é mais sério. O sentimento de culpa



também é maior.”

É por isso que a intervenção imediata, um dos passos ensinados às famílias nos cursos de tratamento de viciados em drogas e álcool, pode ser particularmente importante nos lares dos santos. Lambert diz que três princípios básicos, todos de pleno acordo com as verdades do evangelho, podem ajudar os pais na tentativa de ajudar o filho que usa drogas: Os pais têm o direito de viver num lar sem drogas ou bebidas alcoólicas; os pais têm de enfrentar e ajudar o filho que acham que está usando drogas ou álcool; e os filhos têm de sofrer as consequências de suas decisões erradas.

Embora não haja, naturalmente, um método garantido de tratamento, assim como não existe um método garantido de prevenção, esses três princípios funcionaram para o casal Bond. Depois de reconhecerem qual era o problema do filho, os Bond agiram firmemente e sem hesitação, em espírito de amor. Primeiro, irmão

Bond enfrentou Mike de maneira calma e amorosa, dizendo-lhe que o uso de drogas de qualquer espécie não seria aceitável em seu lar.

Quando Mike continuou com o vício, os Bond usaram de todos os recursos disponíveis para afastá-lo dele. Informaram-se sobre o assunto; comunicaram aos funcionários da escola o problema de Mike, e pediram-lhes que observassem qualquer comportamento suspeito; procuraram evidências de que Mike estava usando drogas, e quem era o fornecedor; finalmente, estabeleceram regras a serem seguidas, não as mudando sob pretexto algum. Tudo foi feito com a garantia constante de que a principal razão por que estavam dispostos a tanto esforço era porque amavam profundamente o filho.

Segundo o irmão Bond, ele disse ao filho: “Olhe, eu o amo demais para deixar que isto lhe aconteça. Você tem uma escolha, e eu também tenho uma.”



Em determinada ocasião, Mike disse que já não estava usando drogas, mas seus pais descobriram que não era verdade e irmão Bond agiu pronta e firmemente.

“Eu perguntei a Mike quem lhe estava vendendo o material, mas ele não quis dizer. Disse-lhe: ‘Eu vou descobrir, e quando o fizer, vou processá-lo, de acordo com a lei. Se precisar contratar um detetive para descobrir quem está vendendo drogas a você, eu o farei.’ Acho que Mike se amedrontou com isto, e não creio que tenha usado drogas outra vez, desde então.”

Cumprir a ameaça feita pode ser algo assustador para os pais, que podem ter receio de se indispor com o filho, já cheio de problemas. Mike ficou furioso com os pais por terem interferido, e o relacionamento deles “certamente piorou”, diz irmão Bond. Mas valeu a pena perder a comunicação temporariamente, considerando-se o resultado final: um

filho livre das drogas.

A família Mitchell lutou por mais tempo que os Bond, mas seu filho libertou-se das drogas e está levando uma vida produtiva como marido, pai, e membro fiel da Igreja. Ele começou a usar drogas aos quatorze anos de idade. Com o passar dos anos o vício aumentou e ele acabou arruinando seu casamento, perdeu sua casa e destruiu seu negócio. Quatro anos atrás, depois de viciado durante quinze anos, ele entrou num bem sucedido programa de tratamento. O irmão Mitchell acha que ele e sua mulher poderiam ter ajudado o filho a livrar-se das drogas mais rapidamente, se tivessem reconhecido o problema mais cedo e o houvessem tratado com mais firmeza.

“Na realidade, não queríamos acreditar que nosso filho era viciado. Muitas vezes acreditamos nas coisas que o filho diz e que desejamos ouvir. Pagávamos suas multas; cobríamos suas despesas legais. Dizíamos: ‘Bem,

“NEM POR UM MINUTO SEQUER, PENSEM QUE PODEM TRATAR DO PROBLEMA SOZINHOS”, DIZ UMA MÃE. “VOCÊS NÃO PODEM! NÃO PODEM MESMO!” É IMPORTANTE QUE TANTO OS PAIS COMO OS FILHOS SEJAM ACONSELHADOS.

vamos ajudá-lo só mais esta vez.’ Fizemos isto anos a fio.”

Depois que seu filho iniciou o programa de tratamento, os Mitchell aprenderam o conceito decisivo de que os viciados só deixam o vício quando são forçados a sofrer as consequências naturais de seu comportamento. “Temos de ajudar a pessoa a enfrentar as consequências de seu vício”, dizem eles. “E quanto antes o fizermos, mais depressa será a mudança. O viciado tem de compreender que o prazer de usar drogas não compensa os dissabores que terá de enfrentar.”

Os pais que suspeitam que seu filho adolescente se esteja drogando, não devem esperar as provas antes de confrontá-lo, sejam quais forem seus temores.

Os pais que não mantêm uma comunicação agradável com os filhos adolescentes provavelmente terão de avaliar seu relacionamento antes de dar início a um confronto, diz Susan Asher, diretora de outro centro de tratamento.

“Talvez eles devam esforçar-se para restabelecer o contato, demonstrando cuidado, preocupação, e um relacionamento íntimo”, diz ela.

“Não podemos tentar relacionar-nos com um filho com quem não conversamos há anos—exceto para criticar—e esperar que ele se abra sem mais nem menos.”

COMPREENDER O COMPORTAMENTO

.....

Os adolescentes com problema de drogas podem testar a paciência dos pais até o seu limite. Eles quase sempre enganam, dissimulam, manipulam e são beligerantes. Mike Bond, de acordo com o pai, era “uma pessoa diferente” quando usava drogas; depois de parar, voltou ao normal. Os adolescentes que consomem drogas freqüentemente dizem que seu problema é muito pequeno, e clamam que já pararam ou que o material para uso de drogas descoberto pelos pais pertence a um amigo. Eles dizem aos pais aquilo que os pais desejam ouvir, e muitas vezes são bem sucedidos em convencê-los a não tomar a iniciativa e fazer alguma coisa.

Os valores da pessoa quase sempre mudam à medida que ela se torna mais envolvida com drogas. Um adolescente pode primeiro aprender a mentir, depois a roubar, se necessário. Finalmente, ele pode deixar de lado tudo o que antes lhe foi importante, no esforço completamente egoísta de proteger e manter o vício.

COMO COMPREENDER AS EMOÇÕES

.....

Os pais com filhos que se desviam do caminho certo não podem deixar

de se perguntar o que fizeram de errado, para causar o problema, e como poderiam tê-lo impedido. Esses pais podem sentir-se profundamente culpados. Alguns culpam o cônjuge ou os amigos do filho. Outros fazem de conta que o problema não existe. Sentir raiva também é uma reação comum, principalmente entre pais que acreditam terem feito tudo o que podiam para criar o filho segundo os padrões do evangelho.

Em alguns casos os pais erraram seriamente, em especial aqueles que tiveram uma conduta abusiva física ou emocional para com o filho. Esses pais talvez necessitem arrepender-se e fazer restituição, mas na maioria dos casos, o preocupar-se demais com o passado, além do ponto de um auto-exame honesto, é inútil.

Os adolescentes, uma vez livres do vício, quase sempre põem a culpa de seus problemas em si mesmos. “Eu não culpo meus pais pelo que fiz”, diz Dave Nelson. “Seria conveniente fazer isso, mas não foi minha mãe quem colocou um cigarro de maconha em minha boca, acendendo-o para mim.”

OS PAIS PRECISAM DE APOIO

.....

Os familiares, amigos, vizinhos e membros da ala podem ser uma grande fonte de consolo ou a causa de profunda dor para os familiares que sofrem o trauma do uso abusivo de drogas. Certa família, descobriu que muitos membros da ala ao invés de apoiar, só criticavam. “Alguns diziam que éramos muito severos; ou-

tros que éramos muito permissivos”, diz certa mãe. “Durante algum tempo foi realmente difícil não ficarmos desesperados e continuar indo à igreja, pois sentíamos que as pessoas estavam contra nós.”

“Os membros da Igreja devem compreender que os adolescentes e seus pais não devem ser evitados como se fossem uma praga”, diz um pai que enfrentou o problema de drogas em sua família. “Vão em frente, expressem seu amor. Não tenham medo de ouvi-los expressar o que sentem.”

Os Fisher descobriram que podiam confiar no amor e solidariedade dos membros da ala, sem reserva. “Eu disse em uma reunião de testemunho que precisava que os membros da ala se unissem em oração por meu filho, e recebi uma enorme ajuda. Eles passaram a escrever bilhetinhos para Jason, e fizeram o esforço extra de conversar com ele sempre que ia à Igreja.”

O próprio Jason admitiu que pensou em suicídio, mas não levou adiante a idéia, porque conhecia o amor que nutriam por ele. Declarou que as orações dos pais e membros da ala o haviam protegido e que sua vida foi poupada graças a isso.

O MAIOR CONSOLO

.....

Os pais que já passaram ou continuam passando por essa provação expressam grande amor ao Senhor e gratidão pelo consolo e direção que o evangelho oferece. O Senhor prometeu abençoar liberalmente com



**OS FAMILIARES, AMIGOS,
VIZINHOS E MEMBROS DA
ALA PODEM SER UMA
GRANDE FONTE DE
CONSOLO PARA OS
FAMILIARES QUE SOFREM
O TRAUMA DO USO
ABUSIVO DE DROGAS.**

sabedoria, não censurando, aqueles que pedem “com fé, não duvidando” (Tiago 1:5-6). Ele também nos prometeu discernimento. (Vide D&C 9:8-9.) Muitos pais declaram ter confiado no Senhor, recebendo inspiração, orientação e consolo, ao tentarem conviver com um adolescente difícil.

Uma das coisas mais importantes que o evangelho pode oferecer aos pais é um testemunho de esperança pela volta de um ente querido, esperança no poder libertador da expiação de Jesus Cristo.

“A família pode debater-se com este problema durante anos, apesar de orar, jejuar e fazer tudo o que deve para conseguir uma resposta”, diz o irmão Mitchell. “Mas não podemos perder a esperança e a fé, porque às vezes é só uma questão de tempo.”

Para a irmã Fisher, os frutos de sua fé não estão ainda completamente materializados, e ela compreende que seu filho talvez nunca se afaste completamente do modo de vida que escolheu. Ela, porém, se recusa a desistir.

“Nunca deixarei de ter esperança. Nunca!” □

Sue Bergin é uma jornalista residente em Provo, Utah.

O Que Deve e o Que Não Deve Ser Feito

A seguir apresentamos um resumo de sugestões dadas por pais e especialistas em reabilitação de viciados.

Faça:

- Examine seriamente a possibilidade do uso abusivo de drogas prescritas ou inclinação exagerada por determinados alimentos ou bebidas.
- Esteja disposto a procurar ajuda de fora sempre que necessário.
- Seja tão honesto com vizinhos, membros da ala e amigos que fazem perguntas a respeito do problema, quanto for possível.
- Investigue o procedimento de seu filho de todas as maneiras razoavelmente possíveis – através dos amigos dele e seus pais, de professores e outros funcionários da escola.
- Adapte seu modo de agir ao problema, de acordo com a personalidade e necessidades individuais do adolescente.
- Ouça seu filho e tente compreender seus sentimentos.
- Junte-se a outros pais com filhos da idade do seu, para estabelecer padrões; em seguida unam-se com o propósito de manter tais padrões.
- Informe-se a respeito de drogas.
- Continue a freqüentar o templo e a servir nos chamados da Igreja.
- Permita que os princípios do evangelho e os membros da Igreja sejam fontes de força, consolo e



orientação.

- Reconheça toda responsabilidade que possa ter nos problemas de seu filho; depois vá em frente. Não fique remoendo o assunto.
- Se for necessário, escolha cuidadosamente um programa de tratamento para o jovem, de preferência que ajude a família toda.
- Demonstre amor e aceitação pelo filho, apesar de seus atos.
- Demonstre que desaprova incondicionalmente o uso de drogas ou álcool, sem deixar de enfatizar o valor inato do jovem.
- Deixe que o adolescente viciado sofra as conseqüências de seu comportamento.

Não Faça:

- Não se apavore nem se torne histérico ao se confrontar com a evidência de que seu filho está usando drogas ou tomando bebidas alcoólicas.
- Não espere que o problema se resolva sozinho.
- Não seja aquele pai que protege o filho das conseqüências de seu comportamento.
- Não permita que os problemas de um filho desgastem a família toda.
- Não permita que o problema de seu filho abra um abismo entre você e seu cônjuge.
- Não fique aliviado se seu filho

deixou de usar drogas, mas continua a tomar bebidas alcoólicas.

- Não ameace ou repreenda interminavelmente o adolescente problemático.
- Não expresse seus temores sobre o que as outras pessoas poderão dizer.
- Uma vez que o adolescente tenha sobrepujado o problema, não se torne complacente – ele pode ter uma recaída.

Sinais do Abuso de Drogas

- Mau humor ou melancolia, podendo incluir depressão, retraimento ou rebeldia.
- Declínio no rendimento escolar.
- Mudança de amigos e colegas.
- Olhos injetados.
- A pessoa vai dormir tarde e se ausenta de casa cada vez mais.
- A pessoa se fecha no quarto tão logo chega em casa.
- Aumento do uso de goma de mascar e de perfume (para encobrir o cheiro de drogas e álcool).
- Ao ser questionada, a pessoa é evasiva e está sempre na defensiva.
- Aumento de fadiga.
- Desaparecimento de dinheiro em casa.
- Aumento de faltas na escola.
- Diminuição na capacidade de concentração.
- Mudança no peso e no apetite.

Por Favor, Não Ceda!

O RELATO SEGUINTE FOI EXTRAÍDO DE UMA CARTA ENVIADA AOS JOVENS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS, AOS CUIDADOS DAS REVISTAS DA IGREJA. O JOVEM QUE A ESCREVEU TEVE MUITA SORTE, POIS CONTINUA VIVO E ESTÁ COLOCANDO A VIDA EM ORDEM. MUITOS DOS QUE SEGUIRAM O CURSO QUE ELE SEGUIU NÃO ESTÃO VIVOS.



Devo começar dizendo que tudo começou por causa de uma atitude errada. Quando eu contava com dez anos de idade, formei a opinião de que a maioria das pessoas que me cercavam não eram tão “boas” quanto pensavam ser. Esta desilusão cresceu, com o passar dos anos.

Embora houvesse outros jovens na ala, também da minha idade, que apreciavam a Igreja e faziam bom proveito dela, eu e meus amigos nos tornamos aquele grupo que causava tantos problemas para os professores da Escola Dominical, que eles não nos agüentavam mais que um mês e tinham de ser substituídos; nós nos orgulhávamos disso.

Os membros da ala não aprovavam nossa atitude para com eles e para com a vida, e alguns deles simplesmente desistiram de tentar ajudar-nos. Alguns, porém, não o fizeram. Tínhamos um bispo muito paciente e ótimos líderes, mas achávamos que eles, na maioria, eram hipócritas, e usávamos o que víamos como suas fraquezas como desculpa para o nosso procedimento.

Nos meus primeiros anos de adolescência este mesmo grupo de meninos e meninas se sobressaiu nos estudos, nos esportes e em popularidade.

Divertíamos-nos bastante e decidimos que não precisávamos da Igreja, nem a queríamos. Quando “forçados” a nos inscrever no seminário, muitos de nós demos um jeito de ser expulsos.

Nós, na verdade, não cedemos à pressão do grupo — nós a exercemos. Fomos os primeiros de nossa faixa de idade a começar a beber, e os primeiros a fumar maconha e experimentar outras drogas. Vimos a oportunidade de ganhar dinheiro com isso e envolvemos outros, para aumentar nossos lucros na venda de drogas. Vivíamos como ricos, e a imoralidade também passou a fazer parte de nossa vida.

Alguns dos meus amigos resistiram. Disseram que éra-

mos estúpidos e que não se envolveriam, de maneira nenhuma, mas, quando terminamos o curso secundário, há poucos anos, só um deles não havia cedido. Ele sofreu muita pressão e agressão verbal mas permaneceu forte. Tenho mais respeito por ele do que por qualquer outro rapaz da minha idade.

Durante todo o tempo de escola ninguém foi tanto a festas quanto nós. As escrituras dizem: “Por seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16). Não tenho conhecimento de todos os frutos de nosso comportamento, e sou agradecido por isto, mas alguns deles eu conheço. Muitos dos amigos com quem cresci, até mesmo alunos com notas excelentes, líderes e atletas, abandonaram os estudos. Um suicidou-se. Muitos deles foram processados pela Justiça e alguns foram presos, por vários motivos. Conheci várias jovens que tiveram filhos ou abortaram, quando eram estudantes. Outras se prostituíram.

Parei de usar drogas quando comecei a ter sérios problemas de saúde. Quase morri algumas vezes — muitas vezes, na verdade, tanto por dose excessiva de drogas como por dirigir sem conseguir controlar minhas ações. Uma noite me senti muito deprimido e tomei todos os tipos de estimulantes que pude encontrar, depois me senti e assisti à televisão, enquanto meu pulso caía para 20 batidas por minuto. Tentei permanecer acordado, pois senti que se adormecesse, não despertaria mais.

Para manter o controle sobre minha própria vida tive que deixar os amigos. Posteriormente tentei ajudá-los a abandonar o vício também. Alguns dos meus velhos amigos me acompanharam, mas a maioria já não se importava com mais nada.

Depois que desisti das drogas, comecei a beber. Posso dizer honestamente que me tornei um bêbado. Quando decidi parar, não consegui — pelo menos por mim mesmo. Eu não me importava muito comigo mesmo para fazer o que sabia ser necessário.

Foi então que me tornei muito amigo de uma excelente e ativa jovem santo dos últimos dias. Ela não conseguia



**"EU TERIA DE PERCORRER UM
LONGO CAMINHO PARA
LIMPAR MINHA VIDA, MAS
SABIA QUE O PRIMEIRO PASSO
SERIA O MAIS DIFÍCIL."**

compreender o que eu estava passando, mas sabia que eu estava tentando honestamente livrar-me da confusão em que vivia. Ela ficava sentida quando eu voltava aos maus hábitos. Finalmente parei de beber, porque sabia que a magoava com isso, e não conseguia mentir-lhe.

Foi tão difícil, devido ao estado de fraqueza, conservar-me moralmente limpo, que passei a evitar qualquer contato social com as jovens, exceto com as que tivessem os mesmos padrões da minha amiga santo dos últimos dias.

Eu não orava havia anos, mas por fim tive de dobrar os joelhos. Tive medo de fazê-lo, pois conhecia minhas faltas. A primeira vez que o fiz, arrependido e com o desejo honesto de mudar, foi o maior passo que tomei no sentido de mudar de vida.

Tentei orar, mas não consegui. Comecei a chorar pela primeira vez em anos, e senti como se minhas entranhas se estivessem despedaçando. Caí, ainda ajoelhado, e meu corpo entrou em convulsão. Continuei orando e pedindo: "Por favor, ajude-me!"

Fiquei quase inconsciente. Depois a dor física passou e eu fiquei lá, chorando. Eu teria de percorrer um longo caminho para limpar minha vida, mas sabia que o primeiro passo seria o mais difícil. Eu não compreendia a expiação, mas o sentimento de paz e conforto que me envolveu não deixou dúvida de que ela é verdadeira.

Não foi só isso. Talvez vocês não saibam, mas as substâncias químicas usadas para cobrir ou sepultar emoções tendem a aleijar emocionalmente a pessoa, pois o crescimento é interrompido. Recobri-me muito bem física e mentalmente, e comecei a progredir espiritualmente. Meu estado emocional, porém, não era dos melhores. A jovem que me ajudara tanto e por tão longo tempo não compreendeu isso, e eu na tentativa de cobrir as cicatrizes do passado, perdi a amizade dela. Ela presenciou as mudanças externas e pensou que *aquela* era a parte mais difícil, mas a luta maior foi a que tive que travar dentro de mim mesmo, emocionalmente. Meu orgulho foi um forte adversário, e as lembranças dolorosas às vezes me faziam cair em depressão.

Ainda tenho um longo caminho a percorrer e muito trabalho a fazer. Atualmente estou tentando ajudar outras pessoas com problemas semelhantes. Demorou alguns anos até que eu conseguisse chegar onde estou, e muitas foram as orações e os jejuns. Quando olho para trás, as

lembranças me machucam. Sei agora que aprendemos através da experiência, com nossos sucessos e erros. Quisera ter aprendido mais sem as dores e cicatrizes advindas do meu método de aprendizado – constituído, na maioria, de erros.

Passei por muitos sofrimentos, causados por mim mesmo, e meu espírito grita de tristeza quando vejo outros seguindo meus passos. Jovens, pensem em si mesmos e em seus amigos. Antes de cederem à tentação – e, acreditem-me, o orgulho e a atitude errada são tentações – pensem no efeito de suas ações sobre os outros e sobre si mesmos no correr dos anos.

A volta e o arrependimento são sempre possíveis, mas é muito melhor não começar. Por favor, não cedam. Vocês nunca se arrependerão de permanecer puros, obedecendo à Palavra de Sabedoria, voltando para casa na hora – as regras existem por uma razão. Eu já senti os resultados de se ignorar as regras e dizer: "Isto não vai acontecer comigo." Eu e meus amigos sabíamos que, não importa quão limpa moralmente fosse a jovem, se conseguíssemos fazê-la ficar bêbada ou drogada, ela haveria de ceder.

Na descida, o primeiro passo é o mais fácil, mas na subida é o mais difícil. Quando se está descendo, muitas são as pessoas que querem ajudar, mas quanto mais se desce, mais sozinho se fica, quando e se resolver voltar atrás.

Eu ganhei um forte testemunho da veracidade do evangelho. Meus amigos santos dos últimos dias ainda não são perfeitos, mas eu finalmente compreendi que as imperfeições deles não tornam o evangelho menos verdadeiro. Mostram somente que eles também são humanos.

Eu sei como o adversário é forte e real, mas agora também conheço o poder e a realidade da existência do Senhor e do sacerdócio, e sei que "mais são os que estão conosco do que os que estão com eles" (II Reis 6:15-17).

Nunca se envergonhem de serem inocentes. Admiro e invejo as pessoas que conservam sua inocência. A inocência, uma vez perdida, não volta mais. Por favor, sejam fortes. São muitas, mais do que podem imaginar, as pessoas que contam com vocês – amigos, família, e até mesmo os filhos que estão por ter. Não os desapontem. □

Confessar Ao Bispo

EXISTE ALGO EM MEU PASSADO QUE SEI QUE DEVO CONFESSAR AO BISPO. EU REALMENTE GOSTARIA DE FAZÊ-LO, MAS NÃO TENHO CORAGEM. CADA VEZ QUE ME DECIDO A ENFRENTÁ-LO, PENSO EM ALGUM MOTIVO PARA NÃO IR. COMO POSSO GANHAR FORÇAS PARA FAZER O QUE É CERTO?

Respostas dadas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Nossa Resposta:

Você já está caminhando na direção certa, pois compreende a necessidade de confessar o problema.

O Senhor disse: “Por este meio podereis saber se um homem, (mulher, rapaz, moça) se arrepende de seus pecados — eis que ele os *confessará* e os abandonará” (D&C 58:43; grifo nosso). Todos os pecados devem ser confessados ao Pai Celestial, em oração. As transgressões sérias também devem ser confessadas ao bispo ou presidente do ramo.

Não podemos esquecer que a confissão é somente um passo no processo do arrependimento. Devemos

também deixar nossos pecados de lado, fazer restituição sempre que possível, procurar levar uma vida exemplar, e perdoar aos outros o que fizeram de errado contra nós.

Satanás, naturalmente gostaria que você adiasse a confissão indefinidamente. Ele sussurrará em seu ouvido todo o tipo de bobagem sobre como o bispo poderá ficar chocado, ou que ele não vai compreender, ou que poderá quebrar a confiança que você depositou nele.

O bispo é o agente de Deus na terra para ouvir a confissão. Ele pode ajudá-lo a entrar no caminho do arrependimento, do per-



BISHOP



PHIL SHURTLEFF

dão, e da alegria indescritível advinda àquele que sabe que seus pecados foram perdoados. Ele poderá ajudá-lo em tudo o mais que necessitar. Esteja certo de que ele guardará sigilo do que lhe foi dito.

Se ainda assim lhe parece difícil confessar, examine as sugestões abaixo. Talvez elas o ajudem a conseguir a coragem de que necessita:

1. Leia as escrituras, especialmente o Sermão da Montanha, dado pelo Salvador (Mateus 5-7).

2. Converse com seu pai ou com sua mãe, ou com um amigo ou conselheiro de confiança.

3. Talvez seja interessante estar acompanhado do pai ou da mãe, de um conselheiro, ou do melhor amigo, quando for ver o bispo. (Não é preciso contar ao seu amigo o motivo que o está levando a falar com o bispo.) O acompanhante será um apoio para chegar até a porta do bispo.

4. Não deixe de orar. Ro-

gue ao Senhor que lhe dê a força necessária.

5. Marque uma entrevista com o bispo e *não* falte, de modo algum. Aliás, *agora mesmo* seria uma boa hora para fazer isso.

Finalmente, lembre-se: O Senhor sofreu e morreu para que seus pecados fossem pagos por *ele*, e não por você. Isso, porém, só funciona quando você faz a sua parte, ou seja, confessa e abandona o pecado. E, quanto antes isto for feito, mais depressa você se verá cercado de paz e alegria resultantes do perdão.

Respostas dos Jovens:

Compreendo exatamente como você se sente. Há alguns meses, eu e meu namorado fizemos algo errado. Depois disso parecia que em cada serão dominiqueiro o orador estava falando só para mim, o que me fazia sentir muito mal. Eu sabia que devia contar ao bispo, mas não tinha co-

ragem.

Tentei convencer-me de que se eu esquecesse tudo e não o fizesse novamente, o Senhor também esqueceria. Na semana passada tive uma entrevista com o bispo, para obter minha bênção patriarcal. Eu sabia que teria de contar-lhe tudo. Dirigi-me antes ao Senhor em oração e com outra oração no coração, respirei profundamente e contei ao bispo o que tinha de contar. Agora me sinto muito melhor! Foi difícil, mas agradeço ao Senhor por ter-me dado a coragem de confessar. Agora posso completar meu arrependimento e não mais terei de suportar esse fardo pelo resto da vida.

Nome mantido em sigilo

Eu sei que é difícil, pois já passei pela experiência. Demorou dois anos para que eu ganhasse a coragem necessária para falar com o bispo, mas contei-lhe meu problema e vocês não imaginam quanta culpa e so-

frimento foram tirados de meus ombros. É quase impossível imaginar a alegria que sentimos quando o problema acaba. O bispo guarda segredo do que lhe contamos. Ele tem de fazer isso. Ele nos ensina que o arrependimento é a solução do problema. Faz também com que fiquemos cientes de que ainda somos filhos de Deus e que o Pai Celestial nos ama. Por favor, vá falar com o bispo, se ainda não o fez. Você ficará contente por tê-lo feito.

Nome mantido em sigilo

Caro amigo, eu sei como você se sente. Você não está só. Quanto a mim, tive que ponderar em meu coração, e entender o que o Senhor realmente fez em meu benefício. Li Doutrina e Convênios 58:42-43 e compreendi que o Senhor espera que tenhamos fé e confiança na expiação. Ele nos ama e deseja que corramos para seus braços amorosos, a fim de poder-

mos ser limpos novamente.

Como seu irmão, espero que você ore pedindo forças e coragem para deixar tudo isso para trás e seguir em frente. Eu sei que não é fácil, mas sei também que é a única forma de podermos voltar à presença do Pai Celestial.

Ele está com os braços estendidos para nós. Devemos amá-lo o suficiente para caminhar em sua direção e segurar sua mão.

Nome mantido em sigilo

Ter o desejo de confessar é o primeiro passo. Lembre-se de que o bispo está pronto para ajudar. Ele não vai zombar nem fazer pouco de você; vai ajudá-lo a prosseguir na direção certa para sempre.



Carolyn Shupe, 15
Las Vegas, Nevada

Tive uma experiência parecida há poucos anos. Eu sabia que precisava contar meu erro ao bispo. Sabia que se morresse sem confessar, não seria capaz de olhar meu Criador nos olhos sem culpa. Então pensei no bispo. Sabia que ele me respeitava. Eu era presidente das Lauréis e já havia exercido muitos chamados na organização das Moças. O pensamento de contar ao bispo era muito doloroso para mim, pois achava que meu conceito ia diminuir.

Para limpar minha consciência, decidi falar com ele de qualquer jeito. Fiquei muito nervosa quando telefonei e lhe perguntei se podia vê-lo. Ele foi muito compreensivo e não me passou nenhum sermão. Assegurou-me que meu pecado podia ser perdoado e que o Pai Celestial me amava muito e desejava ver-me feliz. Tão logo lhe contei tudo, senti alívio do peso que carregava e me senti limpa novamente. Na próxima vez que o vi, ele

me tratou como se nada tivesse acontecido, e nunca mais mencionou nada.

Desde então tenho pensado no erro que cometi no passado, mas é como se tivesse sido outra pessoa quem o cometeu. Dois anos depois deste incidente casei-me no templo com um homem maravilhoso. Estamos casados há seis meses.

Se eu não tivesse dado aquele passo não teria sido digna de casar no templo.

Vale a pena! Além do bispo, o Senhor e você mesmo, ninguém mais precisa saber. Levante a cabeça e boa sorte.

Nome mantido em sigilo

Tive uma experiência semelhante à sua. Eu queria tanto contar ao bispo, mas achava que ele perderia o respeito que tinha por mim, como membro da ala. Orei a respeito por muito tempo. Finalmente fui confortado pelo Espírito o suficiente para ser capaz de relatar o problema. Depois da confissão, o bispo me

disse que eu havia errado, mas que tanto ele como o Pai Celestial continuavam a me amar. Disse-me que existe um caminho de volta, através do arrependimento. O arrependimento é um processo maravilhoso, e eu lhe peço encarecidamente que tente. O Senhor está esperando por você!

Nome mantido em sigilo

Sei exatamente como é duro ter de carregar o fardo de uma consciência pesada. Eu tinha algo que precisava confessar ao bispo, mas era de natureza tão pessoal que fiquei horrorizado só em pensar em fazê-lo. Para piorar as coisas, o bispo era meu vizinho. Eu o veria todos os dias e haveria de me sentir tão desconfortável quando ele sorrisse para mim e me perguntasse como ia. Eu sabia, no fundo do coração, que devia falar com ele, mas precisava de força e coragem. Certo dia decidi jejuar e orar, bus-

cando nas escrituras uma resposta. Encontrei diversas escrituras que me ajudaram: Doutrina e Convênios 64:7; 82:1; 95:1; 98:47; Mosiah 26:29-30.

Nunca é fácil confessar alguma coisa errada que fizemos, mas, se pedirmos ao Pai Celeste que nos dê forças, ele nos abençoará com aquilo de que necessitamos. Ele o ama, da mesma forma que ama todos seus filhos. Testifico-lhe que ao confessar e compartilhar seus problemas com o bispo, você se sentirá muito melhor. A confissão vai ajudá-lo a tirar o peso dos ombros e você começará a trilhar o caminho que leva ao perdão.

Nome mantido em sigilo

Por favor, vá falar com o bispo. Ele deve ser um de seus melhores amigos. Ele quer ajudá-lo em sua vida, quer levá-lo de volta ao Pai Celestial.

Adiei por bastante tempo a visita ao bispo,

pois tinha medo que ele risse de mim e me dissesse como eu havia sido estúpido em fazer o que fiz. Para minha surpresa, quando lhe contei o que aconteceu, pude ver uma lágrima em seus olhos e soube que se sentia penalizado. Depois da confissão, ele me fez algumas perguntas e conversamos durante horas.

Minha vida mudou — durante dois anos eu me senti envergonhado, cheio de culpas e indesejado. Depois de conversar com o bispo, fiquei sabendo que o Senhor me ama e deseja que eu faça o que é certo.

Mais tarde o bispo me deu uma recomendação para o templo e estava lá no dia em que me casei para o tempo e a eternidade. Graças ao amor do Salvador, fui digno de entrar na casa do Pai Celestial e me casar.

Se falar com o bispo e tiver forças para mudar de vida, ela mudará. Não será fácil, pois Satanás sempre estará lá, dizendo-

lhe: 'Você fez uma vez, não custa nada fazer de novo.' Mas custa.

Jeje e ore. O Senhor o ajudará.

Nome mantido em sigilo

Peça ajuda ao Senhor. Ele vai direcioná-lo quando falar com o bispo. Não minta. Se mentir só tornará piores as coisas, e mais tarde se sentirá culpado.



Tonya M. McKoon, 16
Peoria, Arizona

Eu também tinha coisas que precisava esclarecer com o bispo antes de sair em missão. Tive receio de falar com ele na igreja, por achar que pareceria óbvio, portanto, telefonei para o trabalho dele e lhe disse que estaria jogando bas-

quetebol na Mutual. Perguntei-lhe se por acaso ele poderia falar um ou dois minutos comigo. Lembrou-me agora (dois anos mais tarde) o que senti então. Foi uma das coisas mais difíceis que já fiz, mas saí do escritório do bispo sentindo-me muito melhor.

Nome mantido em sigilo

Passei por um período de tempo de minha vida envolvido em certas coisas erradas que, de acordo com o meu conhecimento, requeriam uma confissão ao bispo. Tive receio de fazer aquilo que sabia ser certo. Ao invés de confessar, dei-xei de ir à igreja, pois não me sentia bem indo lá. Parei de orar, porque me julgava indigno, e acabei me envolvendo em outras atividades ainda mais sérias, que também requeriam confissão.

Acredito que seja lá o que for o que tenha feito, e por mais receio que tenha de falar com o bispo, enfrento o problema sozinho

é muito pior. O bispo me disse que nada poderia mudar o que o Pai Celestial sente a meu respeito. Não importa quão terrível seja o erro, ele sempre continua a amar a pessoa.

As medidas tomadas pelo bispo são para o seu benefício. Não participar do sacramento ou passar por um período probatório pode parecer difícil, mas será de grande benefício, se aceitar isto como algo que irá ajudá-lo.

Por favor, não guarde só para si o seu segredo. Vá conversar com o bispo. Ele é seu amigo. É maravilhoso o sentimento que invade nosso coração quando sabemos que fizemos o que é certo. O bispo não deixará de amá-lo e, o que é mais importante, o Pai Celestial tampouco deixará de fazê-lo. Não deixe que o medo governe sua vida. Eu sei que é um passo difícil, mas se eu pude livrar-me das coisas terríveis nas quais estive envolvido e sentir o amor do Pai Celestial, do bispo,

de minha família e por mim mesmo, você também pode. Telefone, marque uma entrevista e por favor, vá em frente.

Nome mantido em sigilo

Tive o mesmo problema. Cometi um pecado que devia confessar ao bispo, e aprendi que o melhor que se tem a fazer é confessá-lo de uma vez.

Compreendo que você realmente deseja confessar, mas tem medo. Talvez deva primeiro telefonar ao bispo e explicar que precisa de algum tempo para partilhar um problema pessoal com ele. Isto ajudará o bispo a reservar algum tempo só para você, e o primeiro passo terá sido dado.

Lembre-se de que dar esse primeiro passo agora, por mais doloroso que seja, pode preparar o caminho que lhe permitirá andar junto com o Pai Eterno no reino celestial.

Nome mantido em sigilo □



“Encontrei um Profeta!”

ANN NICODEMUS CHRISTENSEN

Em outubro de 1986, liguei a televisão e fiquei, preguiçosamente, mudando de canal. Um deles mostrava a conferência geral de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Lago Salgado. Ouvi o orador dizer: “E o evangelho será levado aos gentios da terra.” Isto me deixou muito interessada. Eu era de origem judaica e nunca antes fora chamada de gentio. Ouvi atentamente, enquanto o orador continuava a dizer coisas que não só senti já ter ouvido antes, mas nas quais sempre acreditei.

Quando o orador se referiu a um profeta vivo, meus olhos se encheram de lágrimas. Durante toda a minha vida eu havia imaginado: “Onde estão os profetas?” Depois de ouvir com atenção a transmissão da conferência durante trinta minutos, corri à casa da vizinha, para compartilhar a emoção com minha sogra. Ela ficou escandalizada quando eu lhe disse que assistira à conferência mórmon. Fiquei chocada quando ela exclamou: “Você não devia assistir a isso.” Voltei para casa, liguei de novo a televisão e ouvi o resto da transmissão.

Depois, fiquei tão emocionada que escrevi uma carta à minha mãe, contando-lhe que os mórmons tinham um profeta. O próximo passo foi visitar meus amigos, Will e Petera Powell, que eram membros da Igreja. Minha primeira pergunta foi: “Em que se baseia aquele orador, para me chamar de gentio?” Para minha sorte, Will e

Petera eram ex-missionários; eles responderam a todas as minhas perguntas. Deram-me também um exemplar do Livro de Mórmon. Quando terminei de ler Primeiro e Segundo Néfi já sabia que o livro era verdadeiro. Li-o de capa a capa em duas semanas.

Poucos dias mais tarde comecei a receber as palestras missionárias na casa de Will e Petera, com os missionários de tempo integral. Durante esse tempo, senti o Espírito do Senhor prestar testemunho ao meu coração da veracidade do que os missionários me ensinaram, conforme 2 Néfi 33:1: “Porque, quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, esse poder leva as suas palavras aos corações dos filhos dos homens.” As doutrinas que aprendi me pareciam familiares. Sempre acreditei nos princípios de história, tradição e união familiar. No entanto, o que mais me impressionou foi o fato de existir um profeta vivo na terra hoje.

Quando os missionários me perguntaram se eu estava pronta para o batismo, respondi que sim. Fui batizada no dia 8 de fevereiro de 1987, por Will Powell. Para mim, uma pessoa com antecedentes judaicos, ficar sabendo da existência de um profeta vivo, foi motivo de grande regozijo. □

Ann Nicodemus Christensen é membro da Ala I de Parowan, Estaca Parowan Utah.

Ryan Moody

PETREA E BRIAN KELLY

UM JOVEM E SUA MÚSICA ENCONTRAM LUGAR EM
UM MUNDO QUE NECESSITA OUVI-LOS.

Ele é um rapaz simpático, com olhos azuis e ar sorridente. Sentado junto ao teclado eletrônico, Ryan Moody faz alguns ajustes, depois movimentando os dedos com facilidade, dando início a uma canção. A música é tão boa quanto qualquer outra que se ouve no rádio, só que é nova. Diz ele: "Eu escrevi esta música." Daí começa a cantar. Ouvindo-o, perdemos-nos em reflexões. O som é rico, amplo e também pessoal. Depois de alguns instantes o ouvinte não consegue deixar de observar Ryan atentamente. A música revela o outro lado do rapaz. Parece libertar seu espírito da cadeira à qual seu corpo está preso, e revela algo sobre ele que os olhos nem sempre enxergam.

Nascido com a espinha dorsal bifida, ou seja, com um orifício na espinha, Ryan passou quase todos os seus dezoito anos em uma cadeira de rodas. De início os médicos temiam que ele fosse retardado, mas demonstrou ser uma criança agradável e cheia de vida que com o passar dos anos transformou-se num jovem inteligente, com muito talento para a





música e jeito para lidar com as pessoas.

Certa vez, quando discursava em uma escola primária, um dos alunos lhe perguntou como se sente um inválido. Ryan respondeu com outra pergunta: “Bem, como é que se sente um ser humano?” O que Ryan não podia dizer na ocasião em particular, era que a Igreja realmente o ajudou bastante. “Acho que muitos inválidos pensam: ‘Eu não posso fazer isto; minha vida vai ser um desperdício.’ Mas, não é em I Samuel 16:7 que diz que o Senhor não olha para a aparência externa, mas para o coração? Isto é muito importante para mim.”

Ryan começou a aprender música aos dois anos de idade. Seus pais colocaram-lhe fones de ouvido e, ao invés de arrancá-los, o menino ficou fascinado. Ele começou as lições de piano aos sete anos de idade, mas, como a maioria das pessoas, não gostava de estudar. Conforme foi aprendendo a tocar, foi descobrindo seu talento, com a ajuda da mãe. “Os finais das canções, conforme escritos nos livros, nunca foram do meu agrado. Comecei a fazer finais novos.” Alguns anos depois descobriu-se que Ryan tinha ouvidos perfeitos para a música. Daí por diante ele começou a escrever e compor, e a





tocar vários instrumentos com teclado.

Graças a esse talento — compor, tocar e cantar, ganhou numerosos prêmios. Na escola secundária, foi eleito como o aluno mais talentoso.

Ryan não considera sua cadeira de rodas um estorvo, mas uma ajuda. “Desta maneira me movimento muito mais depressa.” Ele agradece aos amigos por ajudarem-no a não se sentir diferente. “Meus amigos não me deixam pensar no assunto de maneira alguma. Eles sempre se esquecem de que estou numa cadeira de rodas, pois andam por áreas gramadas ou que são difíceis de atravessar, e dizem: ‘Vamos, Ryan. Oh, não lembramos de sua cadeira de rodas!’”

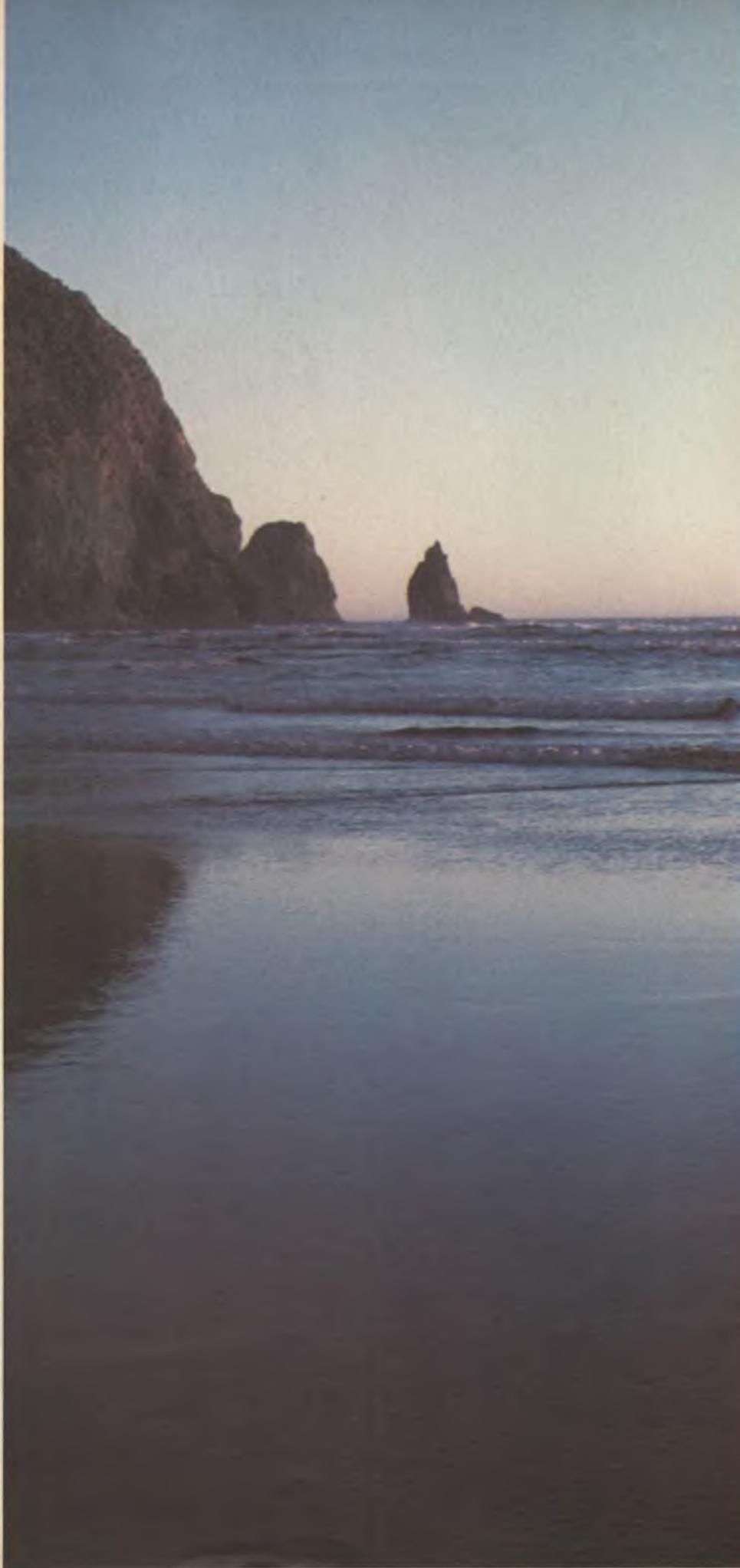
Da mesma forma que outros adolescentes, Ryan gosta das jovens e elas gostam dele. O pai dele lhe diz, brincando, que ele passa muito tempo no telefone, conversando com as moças; sua mãe diz que quando ele vai aos bailes da estaca, dança o tempo todo. Ele usa de muita criatividade para movimentar sua cadeira de rodas de acordo com o ritmo da música. “Ainda estou aprendendo as músicas lentas”, diz ele.

Quanto a sair com as jovens, Ryan declara: “Às vezes é difícil, porque elas parecem gostar de mim, mas sair comigo é algo diferente do que costu-

mam fazer. Não é que queiram ficar afastadas de mim, mas ficam, porque nem sempre sabem como se comportar com alguém preso a uma cadeira de rodas. Quando uma jovem realmente aceita sair comigo é ótimo, porque ela me ajuda a entrar no carro que costumo usar para sair e lá vamos nós.” Ryan tem um conselho para as jovens convidadas a sair com alguém com o mesmo problema dele. “Pergunte a si mesma: ‘Ele é uma boa pessoa?’, e então decida baseando-se nisso. Se é uma boa pessoa e você realmente gosta dele, esqueça o resto.”

A música ajudou Ryan a se comunicar com os outros e a dar um bom exemplo. Ele dá aulas de música na escola e num programa especial de verão, ensina a compor. Uma amiga que estava muito desanimada pediu-lhe um conselho. Ele sugeriu que ela fosse para casa e ligasse o rádio numa emissora de música clássica, ao invés de ligá-lo no rock da pesada que costumava ouvir. “Ela seguiu o conselho”, diz Ryan. “No dia seguinte me agradeceu e disse que não estava nem um pouco desanimada.”

Ao participar de um quarteto na escola, Ryan viu que a letra da música selecionada para o grupo cantar não estava de acordo com os seus padrões. Perguntou à professora se





podia mudá-la, mas ela ficou zangada. Ryan ficou chateado com a reação da professora, mas, depois das aulas, ela falou com ele e se desculpou por ter ficado zangada. “Ela disse que foi preciso coragem para fazer o que eu fiz”, declarou Ryan. “Disse também que me admirava por eu defender minhas crenças e que estava disposta a mudar a letra, pois queria realmente que eu participasse do quarteto.”

Ryan Moody pertence à Ala Tigard Oregon Dois. É o primeiro assistente do quorum dos sacerdotes e mestre familiar. Gosta de ajudar o bispo a trabalhar com os membros menos ativos do quorum e toca órgão na igreja. O bispo diz: “Ryan parece saber como unir os diferentes grupos de nossa ala.”

No ano passado Ryan recebeu a bênção patriarcal, que lhe prometia, em parte, que seria capaz de influenciar a vida dos jovens, onde quer que eles estivessem, convencendo-os de que o Senhor tem bênçãos e oportunidades armazenadas para eles. O maior desejo de Ryan é o de cumprir missão, embora seu estado físico não o permita. “Não posso acreditar que outros que têm a oportunidade de cumprir missão não o façam, diz Ryan. ‘É o que eu mais gostaria de fazer.’ □



IOKIO ONOGI



A IGREJA É PARA TODOS

PRESIDENTE HOWARD W. HUNTER
PRESIDENTE DO QUORUM DOS DOZE

ESTA É . . . NÃO É A IGREJA DE CASADOS OU DE SOLTEIROS, OU DE QUALQUER OUTRO GRUPO OU INDIVÍDUO. O EVANGELHO . . . ABRANGE TODAS AS ORDENANÇAS E CONVÊNIO DE SALVAÇÃO NECESSÁRIOS PARA SALVAR E EXALTAR TODOS OS QUE ESTÃO DISPOSTOS A ACEITAR CRISTO.

Durante cinqüenta e dois anos gozei da doce companhia de minha querida esposa. Ainda estamos casados, pois nosso casamento foi selado no templo santo para continuar por toda a eternidade. Com o seu falecimento, passei a fazer parte de um número cada vez maior de pessoas que atualmente vivem nesta terra como membros solteiros da Igreja.

Entre aqueles que servem como Autoridades Gerais da Igreja, há alguns que foram criados em lares onde só havia um dos pais, outros que estão agora sozinhos devido à perda de sua companheira, e outros que, após essa perda, casaram-se novamente com uma mulher digna e encantadora. Algumas das Autoridades Gerais faleceram antes da esposa, deixando suas queridas companheiras novamente na condição de solteiras, condição esta que abandonaram quando anos atrás se casaram.

A Primeira Presidência, o Conselho dos Doze e outros líderes da sede da Igreja preocupam-se convosco, membros solteiros. Constantemente oramos por vossa felicidade e bem-estar. Reconhecemos que muitos de vós enfrentais desafios especiais na vida, e nosso coração,

assim como nossas orações, vos acompanham.

A Igreja é para todos os membros. Ao mencionarmos o estado civil dos membros da Igreja, esperamos não ser mal-compreendidos, pois nossa intenção não é dividir-vos em categorias. Todos nós, casados ou solteiros, temos identidade e necessidades individuais, entre as quais está o desejo de ser visto como um filho individual digno de Deus.

Nosso amado profeta, Presidente Ezra Taft Benson, recentemente se dirigiu aos membros solteiros da Igreja com estas palavras: "Consideramo-vos uma parte importante da congregação geral da Igreja. Oramos que a ênfase que emprestamos naturalmente à família não vos induza a sentir-vos menos necessários ou valiosos para o Senhor ou sua Igreja. Os sagrados vínculos de membros da Igreja vão muito além do estado civil, idade ou situação atual. Vosso valor individual como filhos de Deus transcende a tudo" ("Às Irmãs Adultas Solteiras da Igreja", *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 102).

O chamado da Igreja é para que todos venham a Cristo, seja qual for sua situação. O Livro de Mórmon nos lembra de que o Salvador "convida a todos para que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; (e poderíamos acrescentar, entre parêntesis, solteiros e casados) . . . e todos são iguais perante Deus" (2 Néfi 26:33).

Esta é a Igreja de Jesus Cristo, não a igreja de casados ou solteiros, ou de qualquer outro grupo ou indivíduo. O evangelho que pregamos é o Evangelho de Jesus Cristo, que abrange todas as ordenanças e convênios de salvação necessários para salvar e exaltar todos os que estão dispostos a aceitar Cristo e guardar os mandamentos que ele e nosso Pai Celestial nos deram.

Cada mandamento dado é para nosso benefício e felicidade. Nossa meta deve ser amar e servir a Deus e amar e servir seu Filho, nosso Salvador, Jesus Cristo. Nossa afeição deve centralizar-se nesses dois Personagens san-



tos, e devemos adorá-los com todo nosso coração, mente e força. Devemos trabalhar, ajudando-os em seu propósito divino de proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem (vide Moisés 1:39).

A expiação realizada por Cristo foi em benefício de todos os indivíduos. Cada um, porém, deve conquistar sua própria salvação, uma vez que não somos salvos coletivamente. A dignidade dos amigos ou da família de uma pessoa não a salvará. É preciso que haja um esforço pessoal. Embora seja verdade que casais dignos alcan-



çarão a exaltação no reino celestial, todo homem e toda mulher selado num relacionamento eterno deve ser individualmente digno dessa bênção.

Um casamento eterno compõe-se de um homem digno e uma mulher digna, tendo ambos sido individualmente batizados com água e com o Espírito; tendo pessoalmente ido ao templo para receber sua investidura; tendo pessoalmente assumido o compromisso de ser fiel a Deus e ao cônjuge no convênio do casamento; e tendo pessoalmente guardado os convênios, fazendo tudo que Deus esperava

deles. Desejo acrescentar que nenhuma bênção, incluindo a do casamento eterno e da família eterna, será negada a uma pessoa digna. Embora possa levar algum tempo — talvez até seja após esta vida mortal — para alguns conquistarem esta bênção, ela não será negada.

O Presidente Spencer W. Kimball deu-nos este conselho inspirado:

“Estai certas, também, de que todas as irmãs fiéis, que sem falta da sua parte não tiveram o privilégio de serem seladas a um homem digno durante seu segundo estado (vida mortal), receberão essa bênção na eternidade. Nas horas em que ansiardes pela aceitação e afeto inerentes à vida familiar na terra, sabeis que o Pai nos céus está atento à vossa angústia e um dia vos abençoará muito além do concebível” (“O Papel das Mulheres Justas”, *A Liahona*, março de 1980, p. 154).

Durante seu ministério mortal ao rebanho da Terra Santa, e em seu ministério após a morte às ovelhas dispersas no Hemisfério Ocidental, o Senhor demonstrou amor e preocupação com o indivíduo.

Certa vez, no meio de uma grande multidão, ele percebeu o toque individual de uma mulher que procurava alívio para uma enfermidade que a atormentava havia doze anos (vide Lucas 8:43–48). Em outra ocasião, ele enxergou além do preconceito de uma multidão acusadora e do pecado daquela que era acusada. Talvez percebendo o desejo dela de arrepender-se, Cristo preferiu ver o valor do indivíduo e mandou-a embora, dizendo-lhe que não mais pecasse. (Vide João 8:1–11.) Outra vez, “tomou das criancinhas, *uma a uma*, abençoou-as e rogou por elas ao Pai” (3 Néfi 17:21; grifo nosso).

Com a rápida aproximação dos sofrimentos do Getsêmani e do Calvário, com muita coisa pesando-lhe na mente, o Salvador achou tempo para notar uma viúva dando sua oferta (vide Marcos 12:41–44). Da mesma forma, seu olhar deteve-se em Zaqueu, homem de baixa estatura, que, impossibilitado de ver devido ao tamanho daqueles que cercavam o Salvador, subiu numa árvore

para poder enxergar o Filho de Deus (vide Lucas 19:1-5). Enquanto agonizava na cruz, o Salvador esqueceu-se de seus próprios sofrimentos e voltou-se com cuidado e carinho para a mulher que lhe dera a vida, e que chorava (vide João 19:25-27).

Que maravilhoso exemplo para nós! Mesmo em meio a enorme sofrimento e dor pessoal, nosso grande Exemplo voltava-se para os outros a fim de abençoá-los. Isto era típico daquele cuja vida mortal conheceu pouco conforto, e que disse: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mateus 8:20). Sua vida não se centralizou nas coisas que não possuía. Foi uma vida de serviço e preocupação com as pessoas. Como seríamos tolos em não fazer caso dos ricos dons de Deus para nós! Poderíamos facilmente perder oportunidades de abençoar pessoas necessitadas, por nos sentirmos pessoalmente privados de alguma bênção desejada e por ficarmos cegos pela autocomiseração.

Não apenas devemos ter o cuidado de não privar os outros de bênçãos devido a nossas incursões no terreno da autopiedade ou auto-recriminação, mas devemos ser cuidadosos para não privarmos a nós mesmos de outras bênçãos que poderiam ser nossas.

Enquanto esperamos bênçãos prometidas, não devemos marcar passo, pois deixar de avançar é, de alguma forma, um retrocesso. Ocupai-vos zelosamente de boas causas, inclusive vosso próprio desenvolvimento. Passatempos ou trabalhos manuais, busca de conhecimento e sabedoria, particularmente a respeito das coisas de Deus, desenvolvimento de habilidades, tudo isso pode ocupar o tempo de uma pessoa, produtivamente.

Agora gostaria de oferecer-vos algumas palavras de conselho e amor.

A vós, homens solteiros: Não adieis um casamento por não terdes uma carreira perfeita ou boa situação financeira. Não deveis, contudo, atirar-vos a um relacionamento sem uma análise adequada e sem inspiração.



Procurai fervorosamente a orientação do Senhor neste assunto. Permanecei dignos de receber a ajuda divina. Lembrai-vos de que, como portadores do sacerdócio, tendes a obrigação de tomar a iniciativa na busca de uma companhia eterna.

A vós, mulheres solteiras: As promessas dos profetas de Deus sempre mostraram que o Senhor se preocupa convosco; se fordes fiéis todas as bênçãos serão vossas. Não ser casada e não ter família nesta vida é uma condição temporária, e a eternidade é um longo tempo. O Presi-



dente Benson lembrou-nos de que o “tempo só conta para o homem. Deus tem em mente vossa perspectiva eterna”. (“As Irmãs Adultas Solteiras da Igreja”, *A Liahona*, janeiro de 1989, p. 103.) Preenchei vossa vida com atividades dignas e significativas.

A vós, que haveis enfrentado um divórcio: Não deixeis que a decepção ou um sentimento de fracasso afete vossa percepção do casamento ou da vida. Não percais a fé no casamento nem deixeis que a amargura destrua vossa alma, vossa vida ou a daqueles que amais ou haveis amado.

A vós, viúvos e viúvas: A parte mais importante de vossa vida não terminou. Para alguns, haverá uma oportunidade apropriada para um novo relacionamento que leve ao casamento. Para os que, por qualquer razão, não escolherem este caminho, ainda haverá oportunidades magníficas na vida, de se desenvolver e de servir ao próximo.

A vós, líderes do sacerdócio e das auxiliares: Segui o conselho encontrado nas escrituras de cuidar das viúvas e dos órfãos (vide D&C 83:6). Interessai-vos fervorosamente por aqueles que são solteiros, sozinhos ou vivem em lares de pais separados. Ajudai-os a se sentirem queridos, mas não deixeis que se julguem inconfortavelmente diferentes. Lembrai-vos: a Igreja é para todos os membros.

A todo membro da Igreja: Praticai a religião pura mencionada pelo Apóstolo Tiago, que é “visitar os órfãos e as viúvas” (Tiago 1:27). Sede bondosos e tende consideração por todos os membros. Sede atenciosos. Tende cuidado com o que dizeis. Não permitais que um comentário ou ato insensível prejudique outra pessoa. “E acima de tudo, como um manto, vesti o vínculo da caridade, que é o vínculo da perfeição e da paz.” (D&C 88:125.)

Que Deus vos abençoe, para que trateis uns aos outros como é apropriado a uma pessoa que se diz um santo dos últimos dias. Que nenhum de nós se considere como “estrangeiros nem forasteiros”, mas que possamos todos sentir-nos como “concidadãos dos santos e da família de Deus” (Efésios 2:19).

Presto testemunho da realidade de Deus, nosso Pai Celestial, que nos ama e ouve nossas orações. Sei que seu Filho, Jesus Cristo, vive e é nosso Salvador e Redentor. Que sejamos abençoados por nossa fé e fidelidade em viver os mandamentos. □

Após a preparação deste artigo para A Liahona, o Presidente Howard W. Hunter casou-se com Inis Stanton, no Templo de Lago Salgado. A primeira esposa do Presidente Hunter, Clara May Seff's Hunter, faleceu em 1983.

Oração por uma F



JOHN JOHNSON

A LIAHONA

Plantação de Batata



EDWARD C. JOHN

No início da primavera de 1947, meu pai tirou uma semana de licença de seu trabalho nas minas de carvão, para poder cultivar nossa fazendola. Geralmente plantávamos batata para o ano todo e usávamos o resto do terreno para o cultivo de hortaliças para uso da família, que consistia de meu pai, minha mãe, dois irmãos e uma irmã. Essas hortaliças também ajudavam a alimentar as vacas, porcos e galinhas. A terra foi arada e estava pronta para a sementeira, quando os missionários chegaram para a sua visita e refeição semanal. A visita deles, apesar de sermos parcialmente ativos na Igreja, era um estímulo espiritual tanto para eles como para nós.

Quando meu pai mencionou seu plano de plantar batatas, os missionários mostraram desejo de ajudar. Meu pai ficou nervoso com a idéia de que homens sem experiência no assunto ajudassem, mas eles foram persistentes e ele finalmente concordou. Na manhã seguinte os élderes chegaram, bem na hora que nós, crianças, nos aprontávamos para ir à escola. Ouvimos o pai explicar-lhes como deviam preparar as sementes para o plantio. “É fácil. Este é o broto da batata”, disse ele, apontando para uma saliência arredondada. “Cortem cada batata em pedaços pequenos e vejam que pelo menos um broto seja colocado em cada pedaço. Entenderam?”

“Oh, sim!”, replicaram os missionários, começando o trabalho com entusiasmo.

Meu pai foi pedir emprestada, uma parelha de cavalos e uma plantadeira mecânica de batatas, e nós fomos para a escola.

Chegamos em casa para almoçar ao meio-dia, bem na hora de presenciar o desastre – as dispendiosas sementes de batata tinham sido arruinadas! Os élderes, sem saberem que cada broto precisava de um pouco da parte

carnuda da batata para nutrir seu crescimento, haviam decidido ajudar-nos, deixando uma quantia menor de batata em volta do broto, e fazendo sobrar boa parte para a alimentação da família. Portanto, ao invés de cortarem cada batata em cubos, com um broto em cada cubo, descascaram as batatas em círculos bem finos, com um broto em cada círculo. O resto foi colocado numa vasilha, para que pudéssemos cozinhar e consumir.

Meu pai ficou furioso quando voltou para casa e viu o que havia acontecido, mas como não queria ofender os élderes, mergulhou as cascas numa solução que as protegia de doenças e colocou-as na plantadeira. Os missionários, sentindo-se culpados pelo sério erro cometido, esperaram, para ajudar a semear.

Pouco antes de voltarmos para a escola, vimos nosso pai levar a plantadeira para o campo, com os élderes acompanhando-o a cavalo. Eu sabia o trabalho que teriam de enfrentar, para fazer com que uma única semente caísse no chão de cada vez. Ia ser uma tarefa árdua, que consumiria muito tempo, já que a plantadeira fora planejada para plantar cubos e não cascas finas.

O trabalho estava quase terminado quando chegamos em casa, depois das aulas. Infelizmente, como cada casca possuía só um broto, e não os costumeiros quatro ou cinco, as batatas haviam tomado quase todo o espaço de terra que havia sido arada. Onde iríamos plantar o milho e o trigo de que necessitávamos para alimentar os animais? Vendo nossa consternação, um dos missionários disse: "Irmão John, podemos oferecer uma bênção para a sua plantação de batatas?"

Meu pai encolheu os ombros e respondeu que sim. Ainda me lembro das promessas de uma colheita abundante e grandes bênçãos que o missionário pronunciou sobre nossos campos. Meu pai agradeceu a ajuda deles e convidou-os a entrarem e partilharem de nossa ceia, que consistia então de batatas fritas.

Foi com desânimo que meu pai voltou para o trabalho na mina de carvão. Ele tinha certeza de que não teríamos

colheita naquele ano, mas, para nossa surpresa, todas as plantas vingaram. Nossa família ficou atônita, e os élderes maravilhados.

Pouco tempo depois eles foram transferidos, e nunca souberam se tivemos ou não uma boa colheita. Certo dia de verão, como minha mãe precisasse de algo para cozinhar para o jantar, cavei ao redor de uma das plantas e, para nossa surpresa, vimos que as batatas já haviam crescido até o seu tamanho normal. Minha mãe disse que se o resto das plantas fosse como a que eu cavei, poderíamos até vender uma parte delas. A medida que continuávamos a cavar, retirávamos cerca de 4.5 quilos de batatas por planta. Os vizinhos e armazéns locais tiveram conhecimento de nossa colheita prematura e, nos três meses seguintes, compraram de nós o seu suprimento de batatas. As vendas, no entanto, não diminuíram o nosso suprimento; além disso, as batatas eram superiores, tanto no gosto como na qualidade.

Na época da colheita colhemos o resto das batatas. Que batatas! Algumas chegaram a pesar 2.5 quilos cada, e nenhuma tinha buracos ou estava mole. Havia uma com vinte e sete centímetros de comprimento e dez de diâmetro. Colhemos cinco vezes a quantidade normal e, como havíamos plantado dois hectares, ao invés da quantidade planejada, que era um quinto disso, nossa colheita foi vinte e cinco vezes maior do que havíamos inicialmente planejado. As pessoas ficaram sabendo, e vendemos toda a colheita. Meu pai perdera o emprego na mina de carvão, mas com o dinheiro que ganhamos com as batatas compramos as roupas e o material escolar de que necessitávamos, o alimento e o combustível para o inverno seguinte, e alimentamos as vacas e as galinhas.

Mas a maior de todas as bênçãos foi espiritual. Para nós, aquelas batatas foram um milagre, um testemunho de que Deus ouve os pronunciamentos de seus servos. A fé que nossa família possuía cresceu e nos tornamos muito mais ativos na Igreja. □

Edward C. John mora na Estaca Globe Arizona.



“DANIEL NA COVA DOS LEÕES”, DE CLARK KELLEY PRICE.

COMO DANIEL ERA BEM VISTO AOS OLHOS DO REI DARIO, PRÍNCIPES E GOVERNADORES ENCIUMADOS CONSPIRARAM CONTRA ELE. ELES ENGANARAM O REI, FAZENDO-O ASSINAR UM DECRETO QUE OBRIGAVA O POVO A NÃO ORAR A NINGUÉM, A NÃO SER AO REI DARIO. DANIEL, PORÉM, CONTINUOU A ORAR FIELMENTE AO SENHOR. COMO PUNIÇÃO ELE FOI JOGADO NA COVA DOS LEÕES. DEUS ENVIOU UM ANJO PARA “FECHAR A BOCA DOS LEÕES” E DANIEL FOI SOLTO, SEM QUE NADA DE MAL LHE ACONTECESSE. (VIDE DANIEL 6.)



Ryan Moody, membro ativo, portador do Sacerdócio Aarônico, não considera a cadeira de rodas à qual está confinado um empecilho, mas uma ajuda. “Desta maneira me movimento muito mais depressa.” Vide “Ryan Moody”, página 34.